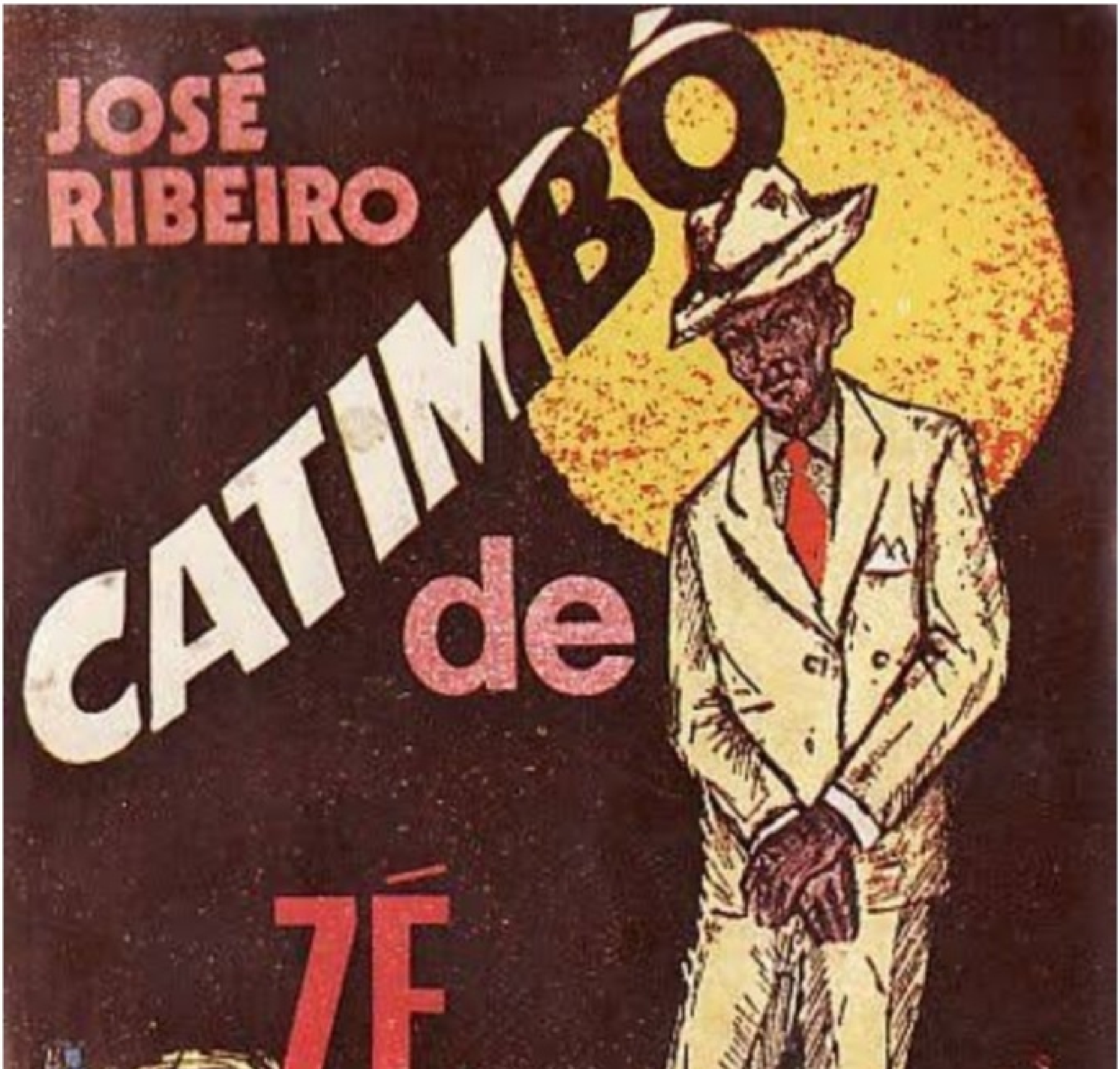

JOSÉ
RIBEIRO
CATIMBÓ
de
ZÉ
PILINTRA
EDITORA

Presente de Kamila Celeste
Para o Mestre Renan do Catimbó
Como prometido:
O Livro Catimbó de Zé Pelintra
Espero que goste da leitura e possa ser útil de alguma forma em suas pesquisas!

Axé e Fumaça!

Rio de Janeiro, RJ — 038430

ÍNDICE

Pág.

Homenagens 7
Filhas e Filhos de Santo 11
Biografia do Autor 13
Prefácio (de César Cruz) 15
Prece de Zé Pilintra 25
O Autor no Catimbó 27
Catimbó 31
Catimbó-dança 35
Remédios caseiros 36
Mestras e Mestres do Catimbó 39
Melodias de Catimbó 47
— Natal, Rio Grande do Norte 47
— Paraíba e Pernambuco 61
Dados diversos 65
Orações fortes para ajudar a "fechar o corpo" e livrar das perseguições. Outras orações curativas . . 67
Música. A música e a magia. Instrumentos e magia. Generalidades 81
Catimbó / defumação 89
Pajelança 91
Os caboclos 105
Por que o negro é preto 108

ÉGUN-NITÁ-?

HOMENAGENS

EM RELEVO

À minha Mãe "Iansã Egun-Nitá" com a minha gratidão eterna e a certeza da sua proteção.

Ao meu Pai Oxóssi, reconhecido curvo-me em agradecimentos pela proteção recebida.

Ao "seu" Tranca-Ruas das Almas, o respeito e o pleno reconhecimento pelos benefícios alcançados.

Ao "seu" Boiadeiro Nevizala todo o meu respeito e a gratidão eterna.

Ao "seu" Cachoeirinha, o meu respeito e agradecimento.

Aos Senhores Mestres da Jurema, o reconhecimento pelo que me ofereceram para a confecção deste Livro e pela proteção sempre dispensada.

ÀS AUTORIDADES DO CULTO

Táta ti Inkice Olegário Luiz de Medeiros (Odé-Aualê); Táta ti Ilnkice Tancredo da Silva Pinto; Babalorixá Jerônimo de Souza; Babalorixá Acarino de Andrade; Babalorixá Renato Meira Lima; Babalorixá Jorge de Iemanjá; Babalorixá Djalma de Lalú; Babalorixá Aderman Francisco da Cruz; Babalorixá Miguel Tangerina; Babalorixá José Crescêncio Brandão; Babalorixá Arruacemo; Babalorixá

Reinaldo Xavier de Almeida; Babalorixá Odilon de Oxóssi; Babalorixá Edu B. da Silva (Pai Edu-Vice-Rei do Candomblé no Brasil); Babalorixá José Pinto de Oliveira; Babalorixá Benjamin Figueiredo; Babalorixá J. B. de Carvalho; Babalorixá Pedro Miranda; Babalorixá Geraldo de Iansã; Babalorixá Armando de Ogum; Babalorixá Manoel de Exu; Babalorixá Jorge de Oxóssi; Babalorixá Sérgio Freitas; Babalorixá Carlos Romeiro da Silva (Rodasil); Babalorixá Jacy Zane Reis; Babalorixá Bira de Oxum; Babalorixá Tébio Affonso; Babalorixá Benjamin Grinspun; Babalorixá Urussu da Silva Amaral (Sussú); Babalorixá Fernando Costa; Ialorixá Irene Chaves Fortes (Katulembá); Ialorixá Arlete Moita; Ialorixá Magdalena; Ialorixá Maria José de Oxum; Ialorixá Belinha; Ialorixá "Mãe Olga" de Oxalá; Ialorixá Etelvina Pessoa (Mãe Dadá); Ialorixá Jubiladê de Ogum; Ialorixá Mazza Kessy; Ialorixá Oyágenã de Iansã; Ialorixá Kilú de Iansã; Ialorixá Minibú.

AOS MINISTROS DE XANGÔ

Dr. César Lúcio da Cruz — Jornalista Rubem Brandão de Souza — Jorge Neves Bastos (Jorge Goulart) — Jornalista Celso Rosa — Babalorixá João Baptista de Souza — Coronel Pedro Cordolino F. A. Filho — Waldyr Leone — Darke de Freitas Martins — Jornalista Mamede José D'Ávila — Arnaldo Schneider — Jornalista Octacílio Ferreira Duque Estrada — Dr. Dirceu Rodrigues Mendes — João Gonçalves — Jornalista Geraldo Rodrigues.

AOS CONFRADES E AMIGOS

Dra. Nena Martinez — Nora Ney — Ivete Brum — Bambira Bucci — Dep. Áttila Nunes Filho — José Beniste — Boanerges Lavra — Hermenegildo Cavalcante — Cavalcante Bandeira (Príncipe do Candomblé no Brasil) — Dep. João Xavier — Dep. Rossini Lopes da Fonte — Dep. Sebastião Menezes — Dr. Flores da Cunha Neto — Jornalista Carlos Vinhais — Jornalista Léo Montenegro —

Major Victor Cândido Maia Castro — José Leal — Dr. Dante Pena de Morais — Dr. José da Costa Filho — Dr. Natalício Tenório Cavalcante — Soprano Gisele Pereira — Prof. Borges Hermida — Dr. Godofredo Cézar de Matos — Dr. José Guedes — Dr. Levy — Dr. José Villela — Dr. Leôncio de Aguiar Vasconcelos — Meritíssimo Juiz de Direito, Dr. Hugo Barcelos — Dr. Coriolano Néry — Dr. Minenique Gonçalves Rego — Dr. Clóvis de Oliveira Santos — Dr. Moacyr Rodrigues do Carmo — Dr. J. S. Chagas Varela — Dr. W. W. da Matta e Silva — Dr. Renato Lima — Dr. Sylvio Ekinner Lopes — Jornalista Ricardo Serran — Jornalista Pinheiro Júnior — Jornalista Jacynto de Thormes — Jornalista Carlos Ilmperial — Jornalista A. de Holanda Cavalcante — Jornalista Eurycles Aragão — Jornalista Jorge de Oliveira — Jornalista Ismael Rangel — Jornalista Jorge Mascarenhas — Jornalista Tony Vieira — Jornalista José Fidélis — Jornalista J. R. Barbosa — Jornalista Lília Ribeiro — Editor Francesco Molinaro — Editor Natali Molinaro — Editor Sócrates de Paula — Editor Ernesto Emmanuele Mandarino — Editor Mangione — Etnólogo Rodrigues Alves — Sociólogo Amaral Fontoura — Sociólogo A. Rabaças — Folclorista Renato de Almeida — Professor Afrânio de Oliveira — Professora Júlia Coelho Kuiak — Professora Célia Tupogi — Compositor Jair Amorim — Compositor Nelson Cavaquinho — Compositor Luiz de França — Compositor Ary Monteiro.

AOS OGÃS DA CASA

Antônio Vitorino de Agular — Arino Francisco da Cruz — Hélio Rosendo Soares — Amabel Rodrigues Couto — Humberto Silva — Cláudio Ribeiro de Souza — Eduardo Gomes (Samito) — Ubirajjara de Oliveira — José Ignácio Alves — Ivo Baptista — Alexandre Bispo (Corró) — Gilberto Medeiros de Oliveira — Beto — Mauro Sérgio — Luiz Leão da Silva — Jorge Antônio Vieira Maciel — Carlinhos.

AS EKÉDES DA CASA

Luiza Medeiros — Cleny Rodrigues — Beatriz dos Santos e Sevenilda Baptista da Silva.

ESPECIAIS

À "Mãe Dálcia" do Gantois, toda a minha admiração, reconhecimento, respeito e carinho.

Aos Meus queridos filhos: Carlinhos — Zélia — Zezinho — Pery — Iaçanã — Claudinho — Alexandre — Maísa.

Às minhas queridas irmãs Adélia e Maria, toda a minha amizade e afeto.

PÓSTUMAS

À memória de minha saudosa e inesquecível Mãe — Aquilina F. da Conceição (Mãe Kilú) o meu amor eterno e paz no Reino de Oxalá.

Aos meus filhos-de-santo Antônio Rogério Dias (Aunjó-Alê), Edmar Xavier de Oliveira (Yábecy) — Maria da Penha (Mazalarê), a nossa imorredoura saudade.

A todos os babalorixás e ialorixás o descanso eterno junto ao Reino do Pai Oxalá.

Ao amigo Waldomiro do Carmo (Miro) toda a nossa saudade.

FILHOS E FILHAS DE SANTO

Elisa (Egun-Itá) — Geraldo (Olojû-Onirê) — Vera Lúcia (Sindoyá) — Clotilde Ferreira Alves (Omindeauá) — Carlos Alberto Ladaga (Delanguange) — Ruth Gomes (Môna-Ymê) — Avany Queiroz (Batulassange) — Maria Regina (Obatundê) — Antonia Gomes Ramos (Aladey) — América Maria de Souza (Gitalambô) — Nair Prado de Almeida (Omindandê) — Irene Chaves Fortes (Katulembá) — Anelina Ferreira (Yatinã) — Jovelina de Santa Luzia Peixoto (Namburê) — Jair dos Reis Lima (Mikeuála) — Therezinha da Cruz (Mananguê) — Maria Esther Zaccarias dos Santos (Taungenã) — Álvaro Félix de Mello (Mucassy) — Neversina Silva (Kinambogy) — Basília Elias dos Santos (Ominsilê) — Genésia Pinto de Azevedo (Nansulê) — Clotilde Castro Ayres (Oyácemi) — Maria José Gomes da Silva (Ominlandê) — Antonio de Souza Martins (Ytalogy) — Antônio Cosme dos Santos (Afungelê) — Wanda Almeida Lima (Oyaguirê) — Lúcia Gouveia (Italobá) — Maria Judith da Silva (Môna-Uassy) — Maria Gonçalves (Leuacy) — Maria da Penha de Paula (Taladê) — Jorge Faraco (Mutalecy) — Marilene Gomes da Silva (Ibanegy) — Maria Magdalena Moreira (Oyanivanjú) — Ivone Leão da Silva (Mazaley) — Filismina Dias Duque (Oyaminejú) — Maria da Silva Costa (Obakilegy) — Nair Sabino (Kavunkilin) — Edmir Dias (Obalacuzuê) — Helena de Andrade Bastos (Oyakitemy) — Carlos Alberto Bastos (Odéluange) — Carla Alzira de S. A. Coutinho (Odécinã) — Vera Lúcia da Silva Pereira (Monatu-

rê) — Rosângela Oliveira de Souza (Azuanecy) — Ana Lúcia Isaura de Jesus (Monakinã) — Nadir da Silva (Alaguinã) — Erondina Felipe da Silva (Kavunkinã) — Joana D'Arc da Silva (Mazaluá) — Vera Lúcia Sabino (Gangalemin) — Aurelina de Jesus Pinto (Ibanigé) — Azuanemê — Sebastião Ladislau da Silva (Itanigé) — Saura Vale da Silva (Mutambalé).

BIOGRAFIA DO AUTOR

Prof. José Ribeiro de Souza, nascido a 22 de abril de 1930, em Salvador, Bahia. Aos 13 anos ingressava na "Lei do Santo", entregue à prestação da caridade aos necessitados, sendo procurado por uma infinidade de "filhos-de-fé" procedentes dos mais distantes pontos do Recife, pois para lá havia se transferido, respeitando os interesses da família.

Fruto do esforço próprio e nutrido por uma vontade férrea de se aprimorar em conhecimentos exigidos para o sacrifício do culto, galgou os escalões do respeito, da sabedoria e do prestígio, atributos adquiridos da maneira a mais espinhosa: a vencer sem um mínimo de condições. Não se intimidou com a adversidade e caminhando célere atingiu o seu mais nobre e honesto propósito: o de ser útil aos seus semelhantes.

Viu-se cercado pelo reconhecimento da "Força Superior", quando recebeu o prêmio de um estágio na famosa "Universidade de Coimbra", o que fez, dali embrenhando-se em temporadas sucessivas pela África Portuguesa, enriquecendo o seu campo de conhecimentos etnológicos. Da ação tópica empreendida, foi-lhe proporcionado o alcance da cátedra que hoje possui.

Professor de Línguas Sudanesas do "Instituto de Estudos Afro-Brasileiros"; membro do "Supremo Conselho Sacerdotal da União Nacional dos Cultos Afro-Brasileiros"; sacerdote do Culto Nagô desde 1944; jornalista e radialista profissional mantendo colunas assinadas em vários jornais do Brasil; membro do "Círculo de Escritores de Umbanda"; compositor e intérprete de músicas folclóricas e afro-braileiras; membro da "Academia de

Letras do Vale do Paraíba"; ex-membro atuante de diversas entidades de Umbanda.

É o único Professor de Línguas Sudanesas no Brasil, reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU).

No campo da literatura afro-aborígene é autor das seguintes obras: "Dicionário Africano de Umbanda", "Candomblé no Brasil", "Orixás Africanos", "Comidas de Santo e Oferendas", "Jogo dos Búzios", "Cerimônias da Umbanda e do Candomblé", "Festa dos Eguns", "Pontos Cantados nos Candomblés" (do Brasil e da África), "O Poder das Ervas na Umbanda", "O Ritual Africano e seus Mistérios", "Amalás", "Omulu — O Senhor do Cemitério", "Oxalá — O Médium Supremo", "Pomba-Gira Mirongueira", "Brasil no Folclore", "Magia Africana", "Culto Malê", "No Reino de Angola" e "Catimbó de Zé Pilintra".

Reconhecido como sendo a maior autoridade em Candomblé no Brasil, completou em 1968 o seu Jubileu de Prata, dentro da "Lei-do-Santo".

Com o desaparecimento de Joãozinho da Goméia, foi conduzido por um Conselho Sacerdotal formado por Tátas e Babalorixás, à condição de "Rei do Candomblé" no Brasil, em cerimônia presidida pelo Táta ti Inkice, Tancredo da Silva Pinto.

Recentemente, atendendo a convites, realizou conferências nas Cidades de Rosário de Santa Fé (Argentina) e Caracas (Venezuela), ambas nos Centros de Sociólogos das referidas Cidades.

Possui, atualmente, na praça, dois LPs, de músicas folclóricas e ritualísticas.

Conta, hoje em dia, com cerca de mais de dois mil "filhos-de-Santo", em todo o Território brasileiro.

É filho do Orixá "Iansã", cuja dijina é "Egun-Nitá". O seu Orunkó (nome), há 30 anos passados era: "Oyácy Ny-Afobá Ilá ti Egun-Nitá", e sua Casa-de-Santo está situada na Estrada Santa Efigênia, 152 — Taquara — Jacarepaguá, e denomina-se "Terreiro de Ilansã Egun-Nitá".

PREFÁCIO

Recife, 1972. Domingo,. Dia 10. Setembro. Um sol de ouro borda o aeroporto Guararapes, banhando-o com a glória esplendorosa da sua luz. Um movimento de gente como nos dias de feriados nacionais, nervosamente, tomava posição e dificultava o trabalho da imprensa falada, escrita e televisada que aguardava o avião da Cruzeiro do Sul, a fim de fotografar e filmar todos os detalhes da chegada da maior figura contemporânea do africanismo no Brasil, o escritor José Ribeiro (O "Rei do Candomblé").

15,45 horas, descia em Guararapes o famoso médium do curador "Tranca-Ruas das Almas". Delírios, vibrações nervosas, foram a nota marcante afinada a uma explosão de um conjunto de honrarias, que foi tributado ao grande escritor José Ribeiro. Conforme disse Cristo em Jerusalém: "Em verdade em Verdade vos digo":

Recife, recebeu "Zé de Kilú" como guerreiro coberto de glórias, que volta com troféu da vitória à sua terra Natal. Que apoteose!...

Grande foi o abraço da mãe Lourdes, da Torre, que na mocidade de José Ribeiro, ao seu lado, corria os Xangôs do Recife, para testá-los se eram mais poderosos do que o catimbó da mãe Kilú, Ialaxé do "Engenho Velho".

O ponto mais alto vivido no aeroporto Guararapes, foi o encontro dos dois gigantes da Umbanda e do Candomblé: Pai Edu e José Ribeiro. Ante uma multidão de filhos de fé que chorava de alegria e emoção, fotógrafos

e cinegrafistas colhiam o grande flagrante dos dois missionários, que logo após, foi televisado no canal 2 de Recife e, no dia seguinte, estampado na primeira página dos maiores jornais da capital pernambucana.

Quando as catedrais de Olinda assinalaram a Hora da Ave Maria, "Zé do Kilú", ao lado do Pai Edu,, sob as vistas da crônica especializada, dava entrada no grande salão do suntuoso "Palácio de Ilemanjá", encravado no alto da Sé, ao som do cantar sinfônico das ondas frescas e ferventes do mar de Olinda.

Horas depois, uma enorme massa humana, que superlotava os salões da Federação dos Cultos Africanos e Terreiros de Umbanda de Pernambuco, situada no bairro de Apipucos, já aplaudia o "Rei do Candomblé", que, misticamente, envergava uma "dejalaba" autêntica, usada nas solenidades religiosas pelos grandes "Sobas" das tribos africanas.

Nessa noite, o escritor José Ribeiro recebeu de José Paiva, Presidente daquela Casa vanguardeira dos Cultos Africanos, os títulos de "Sócio Honorário" e "Benemérito", pelos serviços prestados na ocasião em que foi segundo secretário e um de seus fundadores.

Nessa oportunidade, após ter sido saudado pelo Presidente José Paiva e pelo babalorixá Jerônimo de Almeida, o famoso médium do curador "Tranca-Ruas das Almas", em brilhante oração, agradeceu as homenagens e terminou dizendo:

"Esta Casa, como outros terreiros do meu Recife, que hoje são verdadeiros diques para suportar as armas dos inimigos da luz, foram construídos sobre os meus alicerces, como dos meus saudosos irmãos, Major Floriano, Lídia (a "Baiana do Pina"), Lídia, da Regeneração, Maria Dalazi, José Eustáquio, José Romão, Gildinho, da Estrada dos Remédios, Maria "Angola", da Mustardinha, Bemeu pai, Bil, da Mustardinha, Carlinhos do Cordeiro, (o nedito Santos Leal (O ex-comissário do Cordeiro), aliás, "Carrinho" de Oxalá), Severino, de Oxaguiã, Francelino, de Peixinhos, Apolinário, de Casa Amarela, Josefa, "Olho

de Louça", Maria "Cabelão", Santa, do "Maracatu Elefante", Eudas, do Pina, Manoel Mariano, de Afogados, Lula e Manoel Dutra, da Mangueira, Josias, do Ilmbura (O Comissário), a famosa Joana "Bode", de Água Fria, Marina, do Alto Zé do Pinho, Josefina Guedes, também de Água Fria, Zé Espanador, da Rua da Lama, da Mustardinha e muitos outros baluartes da religião negra, que nesta noite de encantamento do Culto Africano, deveriam ganhar placas de ouro nas paredes desta tão importante Federação." Continuando, o escritor José Ribeiro afirmou:

"Foram esses trabalhadores anônimos que na década de 40, ao meu lado sofreram terríveis perseguições da polícia, que invadia os catimbós do Recife, prendia os mestres da Jurema para trancafiá-los nos xadrezes, ao lado dos elementos do submundo, somente para nos desmoralizar. Eu fui e sou um soldado negro que ao lado de toda essa gente, desfraldei a bandeira que hoje grita liberdade em todos os terreiros do meu Recife. Recife este, onde em uma noite de desespero, sem pão e quase sem água, à margem do Beberibe, tentei entregar a alma a Deus, pela porta falsa do suicídio.

Dia 11, às 20 horas, todo engalanado o "Palácio de Iemanjjá", com todas as suas famosas filhas-de-fé, vestidas com trajos policrômicos, ao lado de industriais, advogados, médicos, militares, o Prefeito da cidade e mais a imprensa pernambucana, "Pai Edu", essa figura misteriosa querida pelo seu povo, enverganlo uma túnica toda branca, tendo às costas um retrato pintado a óleo, de Iemanjá, prestou a mais comovente e sentida homenagem que se pode prestar a um herói vivo. O escritor José Ribeiro, o médium famoso que arrasta multidões para o seu terreiro de Iansã Egun-Nitá, no Rio de Janeiro, sob ovações, recebia uma enorme placa de prata e ouro das mãos de "Pai Edu", como um general que no Senado Romano recebia a Coroa do Triunfo. "Pai Edu" saudou José Ribeiro no seu verbo enternecido e numa postura sacerdotal. No final da marcante solenidade, o autor

de "Dicionário Africano", em oração, como se fosse metal candente saindo do seio de uma fornalha, foi fotografando os quadros que iam-se apresentando, como a presença da Zita, a sua primeira namorada no Recife, que naquela noite achava-se alegre como um canário solto, mas no seu interior gritava uma dor insopitável que lhe explodia pelo rosto magro e pelos olhos cobertos de tristura. A presença da Neném, uma das mulheres do destemido irmão "Zé Mumbaba", que ali estava para abraçar José Ribeiro com seu olhar brilhante atrás de um par de óculos. Os seus sobrinhos de lugares distantes vieram em trajos simples para pedir a bênção ao Tio José e depois lhe pediram dinheiro para voltar.

Dia 12, às 8 horas da manhã, em um luxuoso carro, o Professor José Ribeiro ao meu lado deixou o "Palácio de Iemanjá", de "Pai Edu" e rumamos para o bairro da "Torre-Madalena", em direção à Rua Beira do Rio, área de terra que o famoso autor de "Brasil no Folclore" dividiu em pequenas porções, para abrigar uma enorme multidão desafortunada.

Foi lá que o autor destes desafinados rabiscos, como os acordes de meu vestuto piano comprado pelo velho Lúcio, meu pai, viu senhoras de trajjes modestos, com crianças jogadas ao colo, caminhando nas vielas daquele sombrio bairro, protegido pela água gemedora do rio, exclamando:

"Zé do Kilú, a terra que você nos deu, hoje é a Rua Beira do Rio e a nossa gente, em um preito de gratidão, já começou a chamar a Beira do Rio com o nome de Rua José Ribeiro."

E, conforme o famoso médium-curador percorria a grande rua, a procissão do reconhecimento e da gratidão se robustecia. Foi quando uma mulher, tipo estandarte vencido pelas grandes batalhas da vida, com negros cabelos compridos, em desalinho, furou a multidão que se comprimia para saudar José Ribeiro, dizendo:

"Zé de Kilú", minha perna sangra e na minha mesa falta pão. Meus filhos morreram. Estou só. "Pai Duda"

chorou ante a multidão. "Pai Duda" é uma invenção do compositor Pilombeta, nascido nas regiões do nordeste que trouxe para o Rio uns olhos enriquecidos de vesguice. "Pai Duda"? É Zé Ribeiro, o médium-curador que sacudiu a "Torre-Madalena". "Zé Camaragibe", um dos mais velhos moradores da Torre, considerado campeão em casamentos, deparou-se com José Ribeiro, e ficou em estado patético e quando se reanimou, gritou:

"Gente, é Zé Ribeiro! Ele só ficou mais grosso." Nas andanças pelo nordeste brasileiro, ao lado de José Ribeiro, conversei com "Bebinho Salgado", patrimônio Histórico do Folclore Pernambucano. E, falando no nordeste, lembra-me que o Professor José Ribeiro já de há muito entregou-me o seu livro, entitulado "O CATIMBÓ DE ZÉ PILINTRA", para receber o meu prefácio.

Como poderei falar no misterioso "Zé Pilintra", diplomado na terra da Jurema como um dos mais místicos catimbozeiros. O sincretismo afirma ser o "Zé Pilintra" galhofeiro, trabalhador, conhecedor profundo dos mistérios negros. Eu conheci "Zé Pilintra", na cabeça de Zé Ribeiro, com chapéu de palha amarrado a fita, pedaço de pau fingindo bengala, sentado no tronco à beira da esteira, fumando cachimbo e jogando cusparada pelo chão. Conheci "Zé Pilintra" no terreiro de José Ribeiro concentrando homens ilustres para ouvir sua filosofia, filosofia essa espírito da ciêscia, ciência exploração dos fenômenos.

Meus irmãos, há fenômenos no "Zé Pilintra". Uma noite, em nossa sala de reunião no Instituto ACME, no Largo da Penha, 90, Rio de Janeiro, entrei em polêmica com os doutores Luiz Gonzaga de Oliveira Netto, criminalista e diretor de ensino deste Instituto, e Clóvis de Oliveira Santos, defendendo os fenômenos espirituais que fotografei no catimbozeiro "Zé Pilintra", através do médium-curador José Ribeiro.

No calor dos debates entre três criminalistas, regados a cafés, cigarros e vários livros de José Ribeiro, consegui convencer o Dr. Luiz Gonzaga Netto, em virtude de

ter sido ele criado no leito do Budismo. Todavia, não sendo as minhas explicações convincentes ao Dr. Clóvis, porque desde a sua Juventude ele mergulhou em Diderot, o deus da filosofia materialista. Está explicado!

Como poderei pintar Mestre Carlos? O velho Mestre, Mestre Carlos no seu palavreado cheio de arremedos filosóficos, obrigou-nos a comentar com a conceituada astróloga e culta Dra. Nena Martinez, dona do grande público da Rádio Mauá, que Mestre Carlos para mim é como um filósofo da histórica Faculdade dos Essênios. Seu verbo é cheio de sol.

E Malunguinho?

Malunguinho já salvou a vida de uma menina de quatro anos, desenganada pela ciência médica fluminense. À menina no raio de ação curadora de Malunguinho, na presença de uma enorme multidão, no terreiro de chão batido da Estrada Santa Efigênia, 152, em Jacarepaguá, pulou dos braços de sua triste mãe já vencida pela dor da filha, correndo e brincando. Foi milagre? Eu vi e todo o terreiro de Iansã Egun-Nitá assistiu. Se é milagre, não sei!

Dentro da minha clarividência queria assistir toda aparição da formosa cabocla Jurema. Dizem que essa grande entidade cobre-se com raios de luzes como as flechas de ouro de um sol no Zênite.

Eu vi a força da Jurema no nordeste brasileiro. Catimbó é o esplendor daquela região. Assisti mesas floridas com toalhas alvas, mas, para ser sincero comigo mesmo acredito mais na realidade da mesa de esteira no terreiro de chão batido de José Ribeiro, com doutores, homens de casacas, mulheres de nossa fina sociedade, misturada com gente humilde de pé no chão, vibrando na força de sua fé e recebendo a proteção da força da Jurema. O CATIMBÓ DE ZÉ PILINTRA, está para José Ribeiro como "EU" estou para Augusto, que é a sua própria carne. "O Catimbó de Zé Pilintra" é um compêndio que fala, grita e se movimenta, e se transforma como metais candentes.

"O Catimbó de Zé Pilintra" foi vasculhado pelo crivo de minha equipe de estudiosos. E, chegamos à conclusão de que José Ribeiro vibrou no clamor de suas paixões e todo o seu aprendizado, toda a sua colheita feita na velha Bahia e nos Catimbós do nordeste, foram ampliadas na covardia atrevida de sua vigorosa inteligência e, para presente dos pesquisadores, foram transportadas para o seu novo compêndio.

Há! Se eu pudesse pintar José Ribeiro nas rimas de meus versos, como o moço Castro Alves transformava suas aulas de Direito na Faculdade de Recife em cantar sinfônico de suas prosas. Mas, o meu Cavalcante, no subúrbio caboclo da Linha Auxiliar e a pequena estância de Carvão de velho Lúcio, meu pai, do mano Herbert, só me ensinaram a peneirar carvão e às vezes pensar que a natureza não foi mãe e sim severa madrasta para mim.

Hoje, é Sexta-Feira Santa. Abril, 1974. Dia 12. Não há sol. Parece que os ventos gemedores que sopram ao lado da montanha do meu sombrio apartamento, grita a saudade danada que me faz em demônio torturado de tanto chorar de desespero e inconformismo.

"O Catimbó de Zé Pilintra" são clarins para o novo rufar de atabaques saudando os negros que enriqueceram o folclore brasileiro e foram consagrados no verbo inflamante de Patrocínio, Rui Barbosa e nos versos do moço Castro Alves (o "Paladino das Liberdades Humanas"). O "Catimbó de Zé Pilintra" é o próprio José Ribeiro, que foi clamorosamente ovacionado na "Torre-Madalena" por mulheres e crianças, que chorando lhe pediam para voltar. O "Catimbó de Zé Pilintra", é o José Ribeiro, que cantando e vendendo modinhas, recostado em uma grande árvore, que ainda hoje sombreia a Praça do Mercado do Bacurau, provocou as atenções do saudoso Augusto Calheiros que arrancando o seu dorido violão da capa, obrigou "Zé do Kilú" a repetir todas as melodias sob os gemidos de sua triste lira apaixonada.

Meu Deus! Eu vi-o ao lado de José Ribeiro a árvore onde "Pai Duda" cantou o meu "Prelúdio de Sonatas", gravado pela "Patativa do Norte". Meu Deus! José Ribeiro jurou que me levaria ao Mercado do Bacurau e cumpriu a jura. Eu e José Ribeiro abraçamos a frondosa árvore que está encravada em frente ao Mercado do Bacurau. Calheiros já partiu para o além. José Ribeiro para o Rio de Janeiro. A árvore foi mais forte. Lá ficou. Não abandonou a terra onde nasceu. Não foi ingrata como o espírito humano, que deixa o seu berço natal e parte como um danado forasteiro para plagas distantes. Adeus, árvore plantada no nordeste brasileiro! Se eu puder irei visitá-la. Mas, não ficarei, porque não sou forte como você. Adeus!

Alberto Paz, autor de "Deixa Isso P'ra Lá", no meu casarão de Cavalcante também vasculhou os originais de o "Catimbó de Zé Pilintra" e aproveitou um grande material para formar o seu primeiro LP para a RCA Victor. Alberto Paz vaticinou um novo recorde de venda da Editora Espiritualista. E, me perguntou:

"César, quando sairá o livreto "JOSÉ RIBEIIRO NA PENA DE CÉSAR CRUZ"? Respondi ao conceituado produtor de músicas negras:

"José Ribeiro é como Condor. Fito até certa altura. Depois perco de vista. Se eu fosse escrever uma obra, seria de tristura e sofrimento, enquanto José Ribeiro escreve em rendilhado de luzes. O autor de "Magia Africana" veste-se de musas, enquanto o autor sofrido destes rabiscos veio ao mundo para enxugar as lágrimas dos aflitos.

O "Catimbó de Zé Pilintra", trazendo os segredos da formosa Jurema, é misterioso sacudimento para os céticos e um laboratório de conhecimentos para os entendidos da matéria. O "Catimbó de Zé Pilintra" é a presença viva do autor de o "Dicionário Africano", porque traz a sua fisionomia, sua timidez, modéstia, cultura

e a gravação desesperada da sua obcessão pelos conhecimentos das coisas dos santos.

Estou no momento assistindo como autor do passado, a passagem triunfal de José Ribeiro, filmado pelo canal 2 do Recife, José Ribeiro é esse tipo excêntrico, hoje tão combatido pelos apáticos e invejosos, mas admirado por uma multidão de fiéis que à porta do seu Terreiro de Chão Batido, na Estrada Santa Efigênia, 152, em Jacarepaguá, lá comparece para lhe agradecer e oferecer oferendas aos seus Orixás.

O "Catimbó de Zé Pilintra", é como as solenidades do terreiro de José Ribeiro, dramático, interessante, comovente e real como uma prova gritante no rosto dos Autos.

José Ribeiro, a tua obra é um brado de guerra de um gigante ferido, cobrando justiça, vomitando fogo e cantando como uma cítara, assemelhando-se à lira dos menestréis. Um dia, terás tu, uma cadeira na Academia e serás tu vestido com o fardão dos imortais.

DR. CÉSAR LÚCIO DA CRUZ
Criminalista — Coordenador-Geral e Professor da Cadeira de História do Instituto ACME

PRECE DE ZÉ PILINTRA

Salve Deus, Pai Criador de todo o Universo.

Salve Oxalá força Divina do amor, exemplo vivo de abnegação e carinho.

Bendito seja o Senhor do Bonfim.

Bendita seja a Imaculada Conceição.

Salve Zé Pilintra, mensageiro de luz, guia e protetor de todos aqueles que em nome de Jesus praticam a caridade.

Dai-nos, Zé Pilintra, o sentimento suave que se chama misericórdia. Dai-nos o bom conselho. Dai-nos a proteção quando puderdes. Dai-nos o apoio, a instrução espiritual de que necessitamos para darmos aos nossos inimigos o amor e a misericórdia que lhe devemos por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que todos os homens sejam felizes na Terra e possam viver sem amarguras, sem lágrimas e sem ódio.

Tomai-nos, Zé Pilintra, sob a vossa proteção; desviai de nós os espíritos atrasados e obsessores enviados pelos nossos inimigos encarnados e desencarnados e pelo poder das trevas.

Iluminai nosso espírito, nossa alma, nossa inteligência e o coração, abrasando-nos nas chamas do vosso amor por nosso Pai Oxalá.

Valei-nos Zé Pilintra, nesta necessidade, concedendo-nos a graça de vosso auxílio junto a Nosso Senhor

Jesus Cristo, em favor deste pedido (fazer o pedido que desejar).

E que Deus Nosso Senhor, em sua infinita misericórdia nos cubra de bênçãos e aumente a vossa luz e a vossa força, para que mais e mais possais espalhar sobre a Terra a caridade e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Paz na frente, Paz na guia. Acompanham-me Deus e a Virgem Maria. Deus quer e Deus pode. Deus fazz tudo quanto quiser. Deus há de fazer tudo quanto eu necessitar. Que os meus inimigos não me vejam nem de noite, nem de dia, nem no pingo do meio-dia.

Louvado seja Deus, Senhor São Córdia, Aleluia!

Jesus Cristo meu protetor, nossa Mãe Maria Santíssima, nossa guia.

Com as três palavras ditas e as três palavras retornadas da boca de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu me cruzo em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Que o manto de nossa Mãe Maria Santíssima me cubra contra os inimigos materiais e espirituais. Que o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo derrame-se sobre minha cabeça, dando-me paz e sossego na fé de meu Pai Oxalá.

Que a sombra do Cruzeiro Mestre da cidade da Jurema abrigue a todos aqueles que me desejarem bem e que os meus inimigos tenham tanto sossego como as ondas do mar, assim como era no princípio, seja agora e sempre, por todos os séculos dos séculos, que assim seja.

(Extraído do Livro "Pomba Gira Mirongueira", do Autor).

O AUTOR NO CATIMBÓ

Muito embora não seja minha especialidade, já que trabalho no ritual Nagô, procurei adquirir conhecimentos de Catimbó ou Jurema.

Para adquirir esse conhecimento, que julgava indispensável, viajei muito.

Fui residir no Recife, com minha mãe. Nessa cidade tive oportunidade de conhecer vários e renomados catimbozeiros, cujos nomes desejo deixar aqui assinalados:

— A filha da "Baiana do Pina", a velha Lydia que era uma senhora muito atenciosa e distinta; Manoel Mariano, da Água Fria; Lydia, também da Água Fria; Maria Dalazi, que era filha de Iemanjá; Apolinário Gomes da Mota na Rua Sta. Isabel, em Casa Amarela; Leovegildo Guedes Alcoforado (Gildinho, da Estrada dos Remédios); Benedito, também da Estrada dos Remédios; José Romão, filho do célebre "Pai Adão"; Maria Angola, na Mostardinha; Adélia e Maria, com quem trabalhei, juntamente com minha mãe e meu irmão Francisco; Elisa e Maria do Carmo Lira (Carminha); João Marcelino e outros mais.

Desejo esclarecer que Adélia, Maria, Elisa e Maria do Carmo assim como João Marcelino foram os melhores discípulos que eu já tive, o que muito me alegra. Todos continuam trabalhando em Recife, e, dentro da sua vida religiosa, são respeitados.

Mas não fiquei apenas em Recife. Desejando ampliar meus conhecimentos, viajei para a Paraíba, onde tive também a oportunidade de travar relações de amizade com grandes catimbozeiros. Todos eles respeitáveis: Nezinho Pintor, em Jaguaribe, um subúrbio de João Pessoa, que era um dos chefes mais respeitados e procurados da cidade; Maria Coco, na Rua Oswaldo Cruz (Cruz do Peixe) em Tambiá, que, embora não tivesse a mesma projeção do anterior, era muito acatada; Severina Cassiano (Biú), na Torrelândia, também muito acatada, embora sem a popularidade de Nezinho Pintor; Joana da Rua Sta. Júlia; Juca; Maria Feitosa, que trabalhava com vários Guias e era chefe do Centro Espírita Barão do Rio Branco, localizado próximo à Cadeia de João Pessoa; Joana, muito conhecida como "Joana do Pé de Chita", de Sta. Rita no interior da Paraíba. Essa preta era uma catimbozeira muito temida e respeitada pelos seus concorrentes. Talvez a mais temida de todos. Ela tinha por hábito dizer que o "seu cachimbo tinha que ser respeitado". E era!; Mendes, um outro catimbozeiro da Paraíba, que fazia curas maravilhosas com o emprego apenas de água. Residia na Rua Sta. Júlia, no Tambauzinho; Francisco, que era meu irmão e chefiava o "Centro Deus, Amor e Caridade", na Rua da República, na Paraíba. Mais tarde, meu irmão mudou-se para Recife, indo residir em local denominado Jordão, na Piedade, próximo da praia da Boa Viagem. Nesse lugar passou a ser muito conhecido com o apelido de "Chico do Jordão" tendo executado trabalhos muito importantes e obtido curas maravilhosas. Mais tarde, juntamente comigo, minha mãe, Adélia e Maria, Francisco esteve trabalhando também.

Desejo consignar em particular o nome de minha falecida madrinha "Maria Rodrigues da Silva", mais conhecida como "Maria do Acaí". Isto, pelo fato de residir num lugar com o mesmo nome, próximo de Alhandar ou Lianda. Essa senhora, que com muito orgulho e saudade digo que foi minha madrinha era pessoa mui-



Zé P'lintra (José Gomes da Silva), manifestado no babalorixá Prof. José Ribeiro, "Rei do Candomblé" no Brasil e autor da presente obra, em um flagrante de inteira raridade.

to competente, amável e bondosa. A ela devo muito do que hoje sei, dentro da minha religião. Assim, dever de gratidão, será deixar aqui consignado o meu agradecimento. Está morta, mas sua lembrança permanece viva em meu coração!

José Alves da Silva, também afilhado de "Maria do Acai" e, como ela, conhecido por um apelido ligado a esse lugar: "José do Acai". Esse meu amigo era o único que abria os trabalhos de Jurema ou Catimbó, fazendo-o com a maior competência.

Assim além dos conhecimentos adquiridos na Bahia, no Gantois, onde fui feito, pude conhecer outras práticas úteis e que faz parte deste meu livro.

E conforme já foi dito anteriormente, não serem o Catimbó e a Pagelança as minhas especialidades, tentei fazer o máximo para que todos se interessem por esse ramo da religião. Que tenham algo de proveitoso a recolher deste livro. Serão na íntegra, notas e acontecimentos da maior importância sobre as referidas práticas, tal como são executadas no Nordeste

Espero que muitos colham substâncias proveitosas do que, aqui, estamos enfatizando.

(a) **José Ribeiro**

CATIMBÓ

É muito difícil saber a que sistema religioso pertence o Catimbó, como a Macumba, se ao politeismo, será um monoteísmo, comparável com o cristão.

Porque realmente se os Mestres se parecem muito com espíritos apenas propiciatórios ou maléficos, como santos, anjos e diabos a direita proveniência africana faz com que sejam diretamente invocados pelos poderes pessoais que têm. Por outro lado jamais se invoca a um ente supremo e apesar de toda a influência católica existente nos Catimbós, ninguém fala em Deus. E me abstive de nomear essa palavra, como de bom proceder folclorístico para não despertar nos meus colaboradores a resposta que eu queria. Porque certamente eles não deixariam de aceitar Deus, na subserviência semicatólica em que vivem e demonstravam claramente. Não me foi possível por vias cruzadas tirar dos meus colaboradores a noção de Deus Supremo e Único — o que prova muito bem que essa noção, se existe, está perfeitamente dispensada dentro de sistemas de religiosidade em que no entanto santos católicos figuram ou atuam e pelo menos sobrevivem. Se é certo que tanto na Macumba como no Catimbó a prática se confunde com a prática popular dos santos católicos que agem como divindades inferiores de um biteísmo, em que predominam o supremo Bem,

Deus, e o supremo Mal, o Cão, sempre dentro do catolicismo popular a deslumbrante noção de Deus obumbra tudo. Mas, como se pode claramente ver no **flos sanctorum** do Catimbó nem mesmo a noção de bem e de mal é claramente definida na religiosidade catimbozeira, pois que os Mestres, embora alguns definidamente bons ou maus, agem naquele amoralismo primitivo e precário dos politeísmos todos, até dos povos de cultura organizada, Egito, Grécia, Roma, etc. Acresce ainda que a nossa gente ainda que a nossa gente popular nordestina é profundamente amoral. E aliás é por isso mesmo que as feitiçarias religiosas da macumba catimbó e pagelança se vinculam tão intimamente lá, porque conservam essa amoralidade vaga e mais propícia. O recurso dessas práticas salvava o ser das excessivas durezas e proibições católicas e por outro lado não havia consciências bem definidas para se revoltarem com saúde espiritual contra esse Catolicismo rígido. Fizeram do Catimbó e outras religiosidades o istmo salvador entre essas duas durezas do ateísmo organizado que não tinha coragem e o Catolicismo rígido que lhes estreitava a manifestação psicofísica. Por isso me parece é que o Catimbó se conservou tão intenso nessa gente boa sem querer.

O Catimbó praticado no nordeste difere grandemente do Candomblé, Xangô ou Macumba.

Observe-se que não possui como nos cultos acima, uma hierarquia sacerdotal. Não exige período de iniciação não havendo preceitos especiais, rituais, cerimoniais, trajes, toque etc., próprios dessa religião.

O Chefe do Catimbó é o Mestre, sendo o ritual que comumente pratica muito semelhante às práticas espíritas comuns. Entretanto, encontra-se nos Catimbós, a aparição de orixás africanos, caboclos (índios), pretos velhos. Baixam espíritos de mestres falecidos, como Mestre Carlos, índio Pinavarassu e Anabar, pretos velhos como Pai Joaquim etc.

Estas entidades "acostam-se" durante a sessão de Catimbó, receitando e aconselhando, consolando e tratando de todos os filhos fiéis. Os Mestres de Catimbó, diferindo dos Babalorixás e Ialorixás dos cultos africanos, têm, entretanto, a mesma bondade e cuidado com os seus filhos. Suas práticas são mescladas de feitiçarias africana e indígena, rezas católicas e de invocações espíritas.

Os Mestres de Catimbó usam defumar seus filhos com a fumaça dos cachimbos, a fim de livrá-los dos maus fluidos que lhes estejam causando algum mal estar. Ao baixar das entidades invocadas são entoadas suas "linhas" — melodias particulares e características de cada Mestre — e que revelam sua vida.

Não possui o Catimbó instrumento musical próprio, nem alimentos votivos característicos. Não se empregam danças nem vestimentas especiais. Como se observa o Catimbó é mais uma mistura do catolicismo e espiritismo. A sua prática é executada das maneiras seguintes:

a) Prepara-se uma mesa grande forrada com uma toalha branca. Em cima da mesma são colocadas flores e velas acesas;

b) são preparados defumadores, os cachimbos dos senhores Mestres, com fumo picado e misturado com alfazema;

c) prepara-se jurema, erva-doce, cravo-do-reino, casca de limão ou laranja, canela em casca, para a composição das misturas dos senhores Mestres;

d) sentam-se todos concentrados em torno da mesa e o Chefe dá início aos trabalhos, com uma prece.

Em seguida "abre-se a mesa" cantando as seguintes "linhas":

1ª

Bate asa e canta o galo
Dizendo Cristo nasceu
Cantam os anjos nas alturas
Rei Nuíno (bis)
Glória no Céu se deu (bis)

2ª

Glória no Céu se deu
Nas portas do Juremá
Abre e dê licença Sta. Teresa
Para os Senhores Mestres baixar

3ª

Oh minha Sta. Teresa
Pelo amor de Jesus
Abre a mesa e dê licença
Sta. Teresa
Pelo irmão João da Cruz.

4ª

Por Deus eu te chamo (bis)
Por Deus eu mandei chamar
(Mestre ou Caboclo fulano de tal).

CATIMBÓ / DANÇA

Catimbó é uma dança idêntica ao Candomblé de Caboclo, dançado na Bahia, e a Pagelança, dançada no Amazonas, Maranhão e Piauí.

É uma dnça de caráter religioso resultante da fusão de cultos ameríndios-africanos com brasileiros.

O motivo dessa é uma cerimônia religiosa em que seus adeptos invocam poderes mágicos com o fim de conjurar males por meio de cantos e danças.

Indumentária: peculiar aos cultos religiosos espiritistas.

Coreografia: Catimbó é uma dança em volta de uma mesa, coberta com uma toalha branca, enfeitada com jarras, arcos, cachimbos, garrafas, copos — uma espécie de altar onde se destaca um crucifixo.

Os participantes trazem um maracá na mão direita e um arco dependurado no braço esquerdo e movimentam o tronco da esquerda para a direita, com ligeiros movimentos dos pés, com gesticulações em forma de cruz. Cantam e depois se ajoelham sem interromper o canto, gesticulando. A mão com o maracá se eleva e se afasta para a direita, acompanhada pelo arco e pelo tronco.

O movimento dos dançarinos em transe dá a impressão de estarem alcoolizados, refletindo uma orgia mística, incompreensível ao profano.

REMÉDIOS CASEIROS

Às vezes no decurso de leituras, vou encontrando por outras terras e outras gentes as mesmas manifestações folclóricas existentes nos sertões nordestinos. Divirto-me em anotar essas similitudes, comentando-as quando merecem comentários. Apanho hoje, ligeiramente, dum caderninho de notas desse gênero, algumas bem curiosas. Por elas veremos como são gêmeas, para não dizer xifópagas, as almas dos povos, mesmo os mais afastados e mais diversos.

Nenhuma teoria científica até agora explica de modo cabal essas aproximações. Várias hipóteses têm sido feitas a respeito sem que logrem êxito completo. De maneira que, resta aos estudiosos da matéria o consolo único de reunir material para os edificadores do futuro.

Entre os remédios caseiros do sertanejo do Nordeste, ocupa lugar eminente a chamada "cera de ouvido". Com essa secreção dos canais auditivos homens e mulheres curam mordidelas de insetos e outros pequeninos males. No buraco do dedo, de onde extraíram um bicho de pé, colocam uma porção dessa cera e acham que as carnes não afuleimam.

Efetivamente, é geral a crença que cada pessoa traz em si vários remédios.

Achala-e-mos pelo mundo inteiro. Daí a aplicação da saliva, da "cera de ouvido", da urina e até dos excrementos em vários casos. Não se pode esconder que o efeito de certas substâncias químicas que entram na

composição de tais secreções possam produzir qualquer resultado.

Outro remédio caseiro do Nordeste, freqüentemente usado é o "picumã".

Chamam-se assim as teias de aranha que pendem das chaminés dos fogões cheias de poeira e de outros detritos. Nada melhor, segundo a opinião vulgar, para estancar o sangue.

Coloca-se aquilo regulando a quantidade conforme o tamanho do golpe, sobre o mesmo, e o sangue pára de correr, como por milagre. Aqueles fios tenuíssimos embebidos de gordura e poeira de carvão agem como os fios que os médicos usam no "pensar" ferimentos. Tal qual.

Espinhela caída — Eis aí uma moléstia que, no sertão não se sabe bem qual é, mas dá em muita gente e precisa ser benzida para poder levantar. É a melhor fonte de renda dos curandeiros.

A espinhela caída dos curandeiros do sertão é irmã da sífilis dos nossos empavonados médicos da cidade: pau-para-toda-obra. A causa de toda doença lá — espinhela meio caída, ou caída de todo; a causa de toda doença aqui — sífilis própria ou herdada. O remédio lá, eterno, imutável, benzedura.

Terçol — Remédio infalível contra o terçol no Nordeste: esfregar um anel algum tempo e após, colocá-lo sobre o pequeno tumor.

Explica-se o efeito salutar pela ação do calor do metal friccionado.

Amarelidão — Contra a amarelidão, quer ela seja proveniente de icterícia, quer de opilação, o sertanejo nordestino receita a urina das vacas pela manhã, para beber misturada no leite. Lembra o rebosola ou ribosola dos antigos herméticos e alquimistas, específico contra

a icterícia tirado da urina. É assim uma reminiscência do passado.

Crê ainda o matuto na eficácia dos que comem carne de onça. Não terão varíola, jura. Não é de admirar que assim pense, pois os antigos, com Plínio e Aristóteles à frente julgavam a carne do elefante, comida ou aplicada externamente em pó, remédio soberano contra a lepra. Aliás, é próprio da humanidade criar superstições horrendas ou de difícil realização, para dar esperança aos atacados dum mal incurável. Segundo Tertuliano, em Roma, os epiléticos, a fim de obterem melhoras, e os morféticos do nosso interior julgam que ficarão curados depois de terem transmitido seu mal a sete pessoas.

MESTRAS E MESTRES DOS CATIMBÓS

DISCRIMIINAÇÃO

Angélica — Casamenteira. Apartadeira de casais também. Quando uma mulher quer um homem casado se serve dela. Mestra Angélica aparta o homem da esposa e o ajunta com a desejadeira.

Caipora — É uma tapuia perereca, espírito pequenininho, do tamanho dum dedo. É do Aripuanã. Quando se "acosta", o mestre de sessão tem raivinhas, se "trepa", faz tudo quanto não presta. Gosta de trabalhar despida, com as pernas para cima. Entrou na matéria de uma mocinha que logo ficou nua. Os espíritos femininos também entram em matéria masculina. Gosta de arrepelar os cabelos, quebra pratos, rasga as roupas. É flechadora. Trabalha pulando para todos os lados, com arco e flecha na mão. Chega a tirar o juízo da pessoa a quem se acosta.

Faustina — Mestra Faustina é parteira. Quem está grávida, invocar Faustina. Também trata de incômodos de mulher. Trabalha com pétalas de rosa-amélia. Muito religiosa, católica e ensinadora de orações. É cabocla de Juremal.

Flor — Espírito fêmea, casamenteiríssimo. Só trabalha com flor. Quem quer um benefício dela entrega uma

flor para o espírito, este prepara a flor, benze-a e a restitui. O dono ou dona da flor a manda entregar para a pessoa desejada. Se esta cheira a flor, tá rendida.

Iracema — Espírito feminino. Muito protetor.

Laurinda — Mestre Laurinda é protetora das embarcações. Só trabalha e vive no mar. Não é especialista em casamento. Para embarcações que vão ser lançadas no mar e para viagens ela é invocada. Querida dos embarcadiços.

Meninas da Saia Verde — Cinco irmãs virgens, das águas, trabalham no Rio Verde, benfeitoras.

Nanã-Giê — Espírito feminino das águas. Trabalha no fundo do mar. Protege em especial as mulheres. Curador.

Rainha da Jurema — Do reino de Juremal. Benfeitora e malfeitora. Especialista em banhos, defumadores e em tirar atrasos.

Sereia do Mar — Esta Mestra é chamada Ondina e trabalha no fundo do mar. Também auxilia navegantes. Devoto dela está defendido de peixe e qualquer perigo do mar. Gosta de trabalhar com azeite. Prediz o futuro, conta presente e passado.

Antônio Caboclinho — Linha de Antônio Caboclinho de Jurema. Feiticeiro. É pagão, não foi batizado. Quando "materializado" (vivo, tendo "matéria") era absolutamente incrédulo. É um espírito que protege brigas, questões entre pessoas que o procuram. Fomenta-as, como as resolve. É bugre de Mato Grosso. Algumas vezes já tem se enraivecido em sessão, chegando a fazer todo o pes-

soal fugir. É muito desconfiado e brigão. Se bate com vários espíritos; já brigou com o Príncipe da Jurema, com a Tapuia Caipora com Mestre Carlos. Às vezes vence. Uma das vezes deixou um mestre de sessão massacrado.

Bom Floral — Bom Floral é a cidade santa do mestre Floral. Todos brincam, folgam à espera dele. Floral é casamenteiro por excelência. Floral chega a casar em sessão. Cruza as mãos e os pés direitos dos dois nubentes e derrama em cima de ambos a água benta, a água "fluidada" por Floral mesmo. Depois disso, une os dois corpos para ligar os corações. Quando estão abraçados então Floral abençoa. Estão casados. Não há exemplo de casal desligado, depois dum casamento de Floral. Floral gosta muito de flores. Na mesa de sessão procura sempre flores.

Carlos — Mestre Carlos é do Amazonas. O pai dele, Inácio de Oliveira, era catimbozeiro e Carlos tinha doze anos. O velho trabalhava na feitiçaria, porém, como o filho era travesso não ensinava nada ao filho. Um dia, aproveitando a ausência do pai, penetra no "Estado" (lugar onde se realizam as sessões) e leva escondido os livros de orações, velas, um pouco de cauim; levou o charuto Musscim, Sucufuti que é o vinho com mel de abelha, levou a "Marca" (cachimbo), levou a outra "marca" de cantar com ela na mão que é uma cabaça com sementes; levou a "Princesa" (bacia de louça para os espíritos pousarem nela); levou o "calço" que é fumo misturado com incenso. (O cachimbo se fuma, depois de aceso, empurrando o fumo para fora, com a boca do cachimbo dentro da boca e o bocal é para fora). Foi para debaixo de uma juremeira. Lá abriu sozinho uma sessão, caiu em estado de transe e não tendo quem o despertasse só três dias depois o pai fazendo sessão para descobrir onde estava o filho, o espírito de Mestre Carlos veio na sessão, contou que estava morto tirando a "linha" nº 1.

Canta-se esta linha para mestre Carlos baixar por meio dela na sessão. É pois de pura invocação. Mestre Carlos é espírito e protetor dos moços. É noticioso.

Mestre Carlos é o único dos espíritos que não obedece "traves".

Mestre Carlos desapartou um casal. O Fumaça, mestre de música atualmente em Vitória, teve uma sessão na casa dele e Mestre Carlos apareceu. A mulher de Fumaça muito ciumenta, com ele dialogou:

— Deus te salve, Mestre Carlos!
— Deus te salve, minha filha!
— Me diga uma coisa: meu marido às vezes não vem para casa cedo. Ele tem outra mulher?
— Tem, minha filha.
— Quem é?
— É fulana, da Rua do Triunfo (Natal).

O Fumaça ficou indignado e falou:

— Deus te salve Mestre Carlos.
— Deus te salve, meu mano!
— Me diga uma coisa: a minha mulher não ama ninguém não?
— Ama, meu mano. É fulano.

A sessão resultou em tabefes, o diabo. Faz quinze anos que Fumaça e mulher estão separados.

Caruará — Caruará é um pagé do Amazonas. Espírito benfazejo.

Felipe Camarão — Guerreiro herói, trabalha com punhal. Camarão é vingador, Camarão é vencedor, Camarão sanguinador. O espírito canta, mexendo com o punhal e ferindo o mestre em que se "acostou".

Gòdique e Gògideque — Dois irmãos gêmeos índios. Andam sempre juntos, atuam juntos em duas pessoas.

da sessão. Trabalham de pernas para o ar e falam uma fala que ninguém entende. São no geral benfeitores. Não falham no trabalho.

Ináclo de Oliveira — Pai de Mestre Carlos. Mestre bom, mestre de respeito. Serve para tudo. Gosta, quando chega, de pegar na "marca" e fumar, dando felicidade pela fumaça.

Luís dos Montes — É um curador. Curador de doenças pequeninas, dor-de-dente, dor-de-cabtça. Especialista em curar mordida de cobra.

João Pinavarussu ou Pintavarussu — Espírito que trabalha nas águas. Benfazejo. Procura nas águas o malefício que foi feito e lançado ao mar, coisa dificílima de se curar.

Malunguinho — Negro africano, feiticeiro malévolo. Só pratica o mal. Trabalha com a cabeça no chão. Trabalha à meia-noite, com panos pretos. É capaz de tomar mais de uma garrafa de cauim duma vez e até duas. Serviço dele, outro espírito não desmancha. É um espírito atrasado, convive em mundos inferiores, no geral não é chamado. Manda enterrar sapos cururus na porta de quem a gente quer infelicitar.

Manicoré — Em 1913 fez 431 anos que Manicoré está "desmaterializado". Morreu aos 73 anos de idade. É o chefe supremo de todos os paiés. Manicoré é conciliador de todos os espíritos, quando estes não estão de acordo. "Instrumentalizar" é o espírito entrar no corpo dum mestre. No dia de Sta. Luzia, depois de um espírito dizer muita bobagem, apareceu Manicoré no corpo de João Juvenal da Costa Lima. Manicoré mandava e Mestre Carlos não queria obedecer. Briga corpórea. Manicoré afinal dominou e pisou, sapateou no corpo caído de mestre Carlos. E quando mestre Carlos "desacostou-se", Ma-

nuel dos Santos tava largado muito machucado, foi conduzido para casa e teve que tratar com médico.

Manicoré é inteiramente benfeitor. Era chefe de muitas tribos. Toda e qualquer cura que os outros espíritos não dão jeito, então invocam Manicoré que resolve a doença. É muitíssimo religioso, doutrinador, porém demasiadamente desconfiado. Prega a religião católica e não canta em coro. Canta só, faz um gesto, o coro pára e ele tira em solo. Chefia 372 pajés de que se compõe o Reino de Jurema. Mas, ainda dá ordem nos Reinos de Vajucá, Ondina, Rio Verde e Cova de Salomão.

Pai Joaquim — É um negro velho da Índia, que quando vem nas sessões, está sempre dançando. É muito alegre e divertido. É feiticeiro, serve para fazer o que não presta. Trabalha com agulha enfeitiçada nos olhos de morcego. A "Oração da Cabra Preta" é dele, porém não pude receber porque depois de ter recebido a semente e feito o pacto, o catimbozeiro não ma quis dar.

Pinerona — Pinerona é um velho, caboclinho do Amazonas, flechador de tambaqui e até de gente. É baixote. É adivinhão e muito esperto.

Príncipe da Jurema — Feiticeiro importantíssimo.

Rei Eron — É um rei selvagem. Curador, doutrinador católico, apaziguador. Cura especialmente ferida-brava e lepra.

Tabatinga — Tabatinga é rei dos espíritos feiticeiros. É indígena. Sumamente perverso. Só trabalha na "esquerda" (fazer mal) flechando e figando (fazer figa). Não crê em Deus. Quando chega na sessão, apaga as velas. Só trabalha no escuro. Vive isolado e não na companhia dos outros espíritos. Os espíritos também são "mestres". Tem um só companheiro, José Pereira que

não tem "linha", vive nas trevas e quando sucede baixar em sessão, grita: "Maldito seja Deus. Maldito meu pai, maldita minha mãe! Trevas! Trevas! Trevas! Sejam benditas as trevas! Quando vivo, José Pereira matou pai, mãe, madrinha, padrinho, mulher e cinco filhos. Quando se abre sessão os mestres "botam trave" (rezas de impecilho) para José Pereira não aparecer. Deixa perturbações nas sessões.

Tanguri-pará — Mestre caboclo preto do rio Madeira. Protetor dos vaqueiros e dos cangaceiros ou qualquer pessoa que conduza arma. Também os seringueiros se protegem com ele. Quem tem devoção com Tanguri-pará, não cai de cavalo nas vaquejadas.

Tupã — Tupã é espírito bom, de muita força. É chefe dum reino, faz parte de Cidades Santas (moradas reservadas aos espíritos). Tupã é invocado especialmente para conciliações, resolver casos "endurecidos" (complicados).

Taruatá — Caboclo flechador. É malévolo. Bom para caçar. Trabalha preferentemente com cobras. Fura o olho da cobra com intenção da pessoa a quem quer cegar. Chega a comer pedaço da cobra, cru, com cauim. Foi discípulo do grande malfeitor Antônio Tirano. Para se obter trabalho de Antônio Tirano, tinha-se que dar para ele um filho, uma pessoa da família. Preferia crianças e exigia absolutamente sangue humano. Antônio Tirano não tem "linha" e não é mais invocado. Aparece às vezes sem que ninguém o chame. E quando aparece faz estrepolias. Aparece pedindo sangue.

Urubatã — Urubatã mora no Rio Verde dentro d'água. É espírito combatedor de feitiço. É guiador. É "sementador" (dá sementes dentro do corpo das pessoas: dum dos consulentes vi a bolinha dura, "semente" que possuía sob a pele entre polegar e indicador da destra). É fechador de corpos. Ele próprio não faz feitiços.

Xaramundi — Xaramundi era um tuxaua do Amazonas. Trabalha em tudo; é especialmente curador; "limpador" (quando a "matéria" está suja, ele limpa; e limpa de feitiço também). É feiticeiro, vingador, defensor. Quem primeiro chegar a ele tem a sua defesa.

Zinho — Feiticeiro atualmente ainda "materializado" (vivo), trabalha com "marcas" (cachimbos) enormes. Bem, é melhor. Possui a afamada Chave de Vangalô, que abre todos os portões encantados do espaço. Bebedor forte de cauim. É irmão do célebre mestre Tronchinho, também materializazdo e só trabalhando com espírito de ciganos e tido como mentiroso. Mestre Zinho também possui um punhal chamado Satanaz.

MELODIAS DE CATIMBÓ

A — Natal — Rio Grande do Norte.

ZÉ PILINTRA

(José Gomes da Silva)

Sou caboclo Zé Pilintra,
Nêgo do pé derramado,
Quem mexer com Zé Pilintra
Está doido ou está danado.

Seu doutor, seu doutor,
Bravo senhor
Zé Pilintra chegou
Bravo senhor
Na mesa da Jurema
Bravo senhor
Se você não me queria
Para que me convidou
seu doutor, seu doutor
Bravo senhor

ZEZINHO DO ACAI

Cantando eu venho
Folgando eu estou
Cantando eu venho (bis)
Da minha cidade.

A minha barquinha nova
Nela eu venho
Feita de aroeira
Que é pau marinho
Quem vem dentro dela
É o meu Jesus (bis)
De braços abertos
Cravado na cruz.

MESTRE CARLOS

Vinde, vinde, vinde,
Oh flor da noite,
Reduzindo
Por todas as mesas!
Rei ôh rei, ôh rei,
Ôh rei lá-lá!
Mestre Carlos vem trabaiá,
Meia hora de relógio!
— Licença me queiram dá!

Mestre Carlos é bom mestre
Que aprendeu sem se ensiná,
Três dias levou caído
Na raiz do juremá,
Quando ele se levantou
Foi pronto pra trabaiá,
Trunfando na mesa escura,
Na sua mesa riá!

Ó rei Nãnã! àh rei Nãnã! (Bis)

TUPÃ

Ôh Tupã,
Que sublime santo pajé!
Que no mundo mostras
O Mestre quem é!
Ôh leva! atendes, ôh Tupã!
A sua fama, Eréré!
Ôh leva! atendes, ôh Tupã!
Mostra o Guaraci quem é!

PAI JOAQUIM

— Pai Joaquim é preto alegre,
— esquimbamba! —
Preto véio divirtido!
— esquimbamba! —
— Eu só fico mais alegre
— esquimbamba! —
A depois de tê bebido!
— esquimbamba! —
Enquanto minha mana-i-é bonita,
— esquimbamba! —
Que fará o Pai Joaquim!
— esquimbamba! —
Qu'inda duvida que haja outro
— esquimbamba! —
Preto alegre cumo a mim!
— esquimbamba! —

Airiarí!... } (bis)
— esquimbamba! — }

CARUARA

Nesta mata tem flores
Tem os olhos de Nossa Senhora, (bis)
Tem os pés de São Benedito;
São Benedito que nos valha nesta hora! (bis)

XARAMUNDI

Pelo tronco eu subi
E pela rama eu desci;
Pelo som de minha gaita eu fui
E pelo som de minha gaita eu vim!
Sou Mestre Xàràmundi,
Sou Mestre Xàràmundô
Sou do tronco da jurema,
Sou um Mestre curadô!

ANTÔNIO CABOCLINHO

Eu sou aquele que duvidava
Da ciência da Juremá!...
Sou Antônio Caboclinho de juremal
Ai, de jurema! (bis)

TABATINGA

Tabatinga foi pra mata,
Ele foi fazê feitiço,
Tabatinga óia lá,
Tabatinga, cuida disso!

IRACEMA

Iracema, Iracema,
É rainha de Tanema,
Iracema é boa Mestra,
A princesa Iracema!



"Mestre" Ednaldo com seu famoso grupo de cantimbozeiros, numa das noites festivas em sua "roça", uma das principais e mais procuradas da Paraíba.

MANICORÉ

Eu sou aquele caboclo,
Sou o Mestre dos Mestres,
Sou eu grande pajé!
Trunfei, Agicé!

O meu nome na aldeia
É do grande Mestre,
Do grande Manicoré!
Trunfei, Agicé!

NÃNÃ-GIÊ

Nãnã-Giê,
Ôh Nãnã-Giá,
Nãnã-brecô,
Já vem do má!
Nãnã me conhece,
Valei-me Nãnã,
Pra nóis milhorá!

REI ERON

Reis, ôh reis Eron,
Ôh meu Mestre Eron!
Descei ao mundo
De meu Mestre Eron!

— Eu venh'cantando,
Eu venh'rezando,
Do outro mundo
Venho curando!

LUIS DOS MONTES

Eu venho de altas torres
Do reino de Juremá,
Que eu me chamo Luis dos Montes
Trabáio com Vajucá,
Com três galhinhos de alecrim
E os três reis orientais!

Preciso eu dum mestre
Pra me ajudá!

— É Mestre Luís dos Montes
De Jurema e Juremá!

JOÃO PINAVARUSSU

Pinavarussu,
Pinavarussu,
Brinca um cabaço
Nas ondas do mar azul!

TAMANDARÉ

Tamandaré, Tamandaré,
Óh rei lá-iá,
Tamandaré é rei de flores,
Rei, rei, rei!

FELIPE CAMARÃO

Dão Felipe de Arcoverde Camarão,
Camarão Pitu-assu!
Camarão é vingadô!

MARIA DO ACAI

Galo preto rumanisco
Que canta no meu terreiro
Canta no pé da Jurema
Meu Jesus (bis)
Lá no pé do meu cruzeiro.

Quando eu baixo
Nesta mesa
Eu baixo pra trabalhar

Venho dominando as mesas
Meu Jesus (bis)
Prá ninguém me dominar.

CABOCLA DE PENA

Minha gente toda (bis)
Vamos prá Jurema
Na minha cidade
Tem uma cabocla de pena
Aurora é canindé
É canindé, é canindé (bis)

MESTRE TERTULIANO

Que cidade é aquela
Que eu de longe estou avistando
É cidade de campo verde
Tertuliano vem chegando.

É de Panema, é de Panema
Tertuliano vem chegando a Jurema
É de Panema, é de Panema
Salve os senhores Mestres
Da cidade da Jurema.

MESTRE CARLOS

(Carlos Gonçalves de Barros)

Pitiguarí está cantando
Ó meu Deus o que será
Uns cantam outros assobiam (bis)
A sorte Deus é quem dá.

Na passagem dum riacho
Maria me deu a mão
O prometido é devido (bis)
É chegado a ocasião.

Eu sou planeta dos montes
Que faço chover no mundo (bis)
Não prometo prá faltar
Sou primeiro sem segundo.

Mestre Carlos é bom Mestre
Que aprendeu sem se ensinar
Três dias passou caído (bis)
No tronco do Juremá.
E quando se levantou
Foi pronto prá trabalhar.

Colega dái-me um cigarro
Que eu também sou fumador
A pontinha que eu trazia
Caiu n'água e se molhou.

Colega dái-me uma bicada
Que eu também sou bebedor
A garrafa que eu trazia
Caiu no chão e se quebrou.

MESTRA VICÊNCIA

Soc a Mestra Vicência (bis)
Do lado de lá
Sou a Mestra das Mestras
Do meu Ajucá,
Eh... eh... eh...

TRÊS MOÇAS DO JUREMA

Três velas acesas (bis)
Com três castiçais (bis)
Três mocinhas de branco (bis)
Brincando no Juremá.

ROLDÃO DE OLIVEIRA

De longe venh' chegando agora,
Mestre Roldão de Oliveira na cruz!
Dairim, dairim dairô! (bis)
Se me dão licença eu entro,
Se não me dão eu vô-me embora deste mundo!
Dairim, dairim, dairô! (bis)

INÁCIO DE OLIVEIRA

Bonitos são os trabalhos
De Mestre Inaço de Oliveira
Mais um reis!
Mais um reis canindé, mais um réis!

PINERONA

Pina, Pina, Pina,
Pina Pinerona
Sô caboco vivo
Sô do riu do Amazozna!

URUBATÃ

Olha o rio, olha o rio,
Olha o rio, tuí, tuãí
Eu moro no rio Verde,
Perto de Urupanã!

Sou caboco tuchí,
Ai tuí, tuí, tuã,
Queres saber de meu nome?
Eu me chamo Urubatã!

PRINCIPE DA JUREMA

— Quando eu parti
O meu galo cantô!
— Olha o Príncipe da Jurema
Que na mesa chegô!

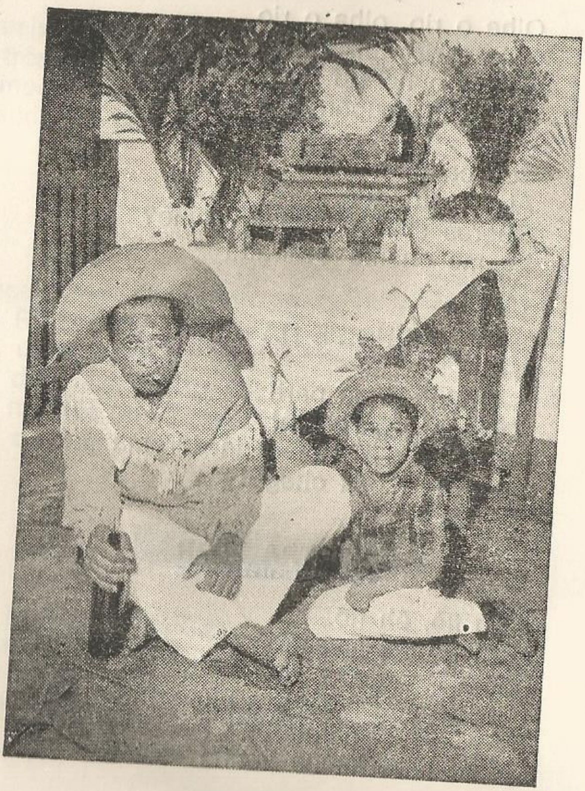
MESTRA FLOR

Ôh flô, ôh flô,
Ôh flô do Juremá!

— Eu sou a Mestra Flô,
ô reis,
Que aos irmãos venho salvá!

BOM FLORAL

'Stão folgando os nossos Mestres
Da cidade do Bom Florá,
Daquela cidade santa
Que seu bem está!



Ao fundo nota-se o altar do Catimbó de "Mestre" Ednaldo, na Paraíba. Em primeiro plano o famoso catimbozeiro em companhia de um principiante.

MESTRA LAURINDA

Meu navio está no porto
E a barca já vem chegando,
Eu sou a Mestra Laurinda,
— ô reis! — ô reis! —
Que aos irmãos venho salvando!

— Deus te salve, Mestra Laurinda no má,
Princesa de Vajucá!
Deus te salve, Mestra Laurnida no má,
Que aos irmãos venho (vinde?) salvá!

TÂNGURI-PARÁ

Sô vaquero e sô guerrêro
êh Tanguri-pará! —
Rei Madeiro (rio Madeira) é meu lugá!
Tanguri-pará, êh Tanguri-pará!
Só terá vida segura
êh Tanguri-pará! —
Quem comigo se pegá!
Tanguri-pará, êh Tanguri-pará!

CAIPORA

Tau, tau, tau,
A tapuia Caipora,
Tau, tau, tau,
É quem vem trabaiá agora!

TURUATÁ

Eu sô aquele caboco
Sou eu o Turuatá,
Eu sô o rei das selvas,
Do reino do bom Florá!

MESTRA FAUSTINA

Ocêis aqui
O que tem para me dá?
Trago flores de jurema
E palmas de Juremá!
Rei, rei, rei,
Rei Umbá,
Eu sô a Mestra Faustina
Do reino de Juremá!

MESTRA ANGÉLICA

Eu sô aquela boa Mestra
Que venho do outro mundo
Soltando os meus cordeiros
Na flô do outro mundo!

MESTRE PEQUENO

Bate asa e canta o galo
Quando o salvadô nasceu,
Nos encantos de Ondina,
— Ôh reino, ôh reino, —
Só quem trabáia sô eu!

Bate asa e canta o galo
Quando o salvadô nasceu,
Canta os anjos nas alturas,
— ôh reino, ôh reino! —
Glórias no céu se deu!

Bate asa e canta o galo
Quando o salvadô nasceu,
Eu sô o Mestre Pequeno,
— Ôh reino, ôh reino! —
Do brejo da Mãe de Deus!

SEREIA DO MAR

Eu vi, eu vi,
No peito do mar,
No meu reinado
Sereia cantar!
Que voiz é uma
Que ouço falar?
São anjos no céu?
E sereia no mar.

B — Paraíba e Pernambuco

ABERTURA DE SESSÃO

Vamos pro mato (
Apanhá maracujá (bis
Diga a meu Mest'
Que venha cá!

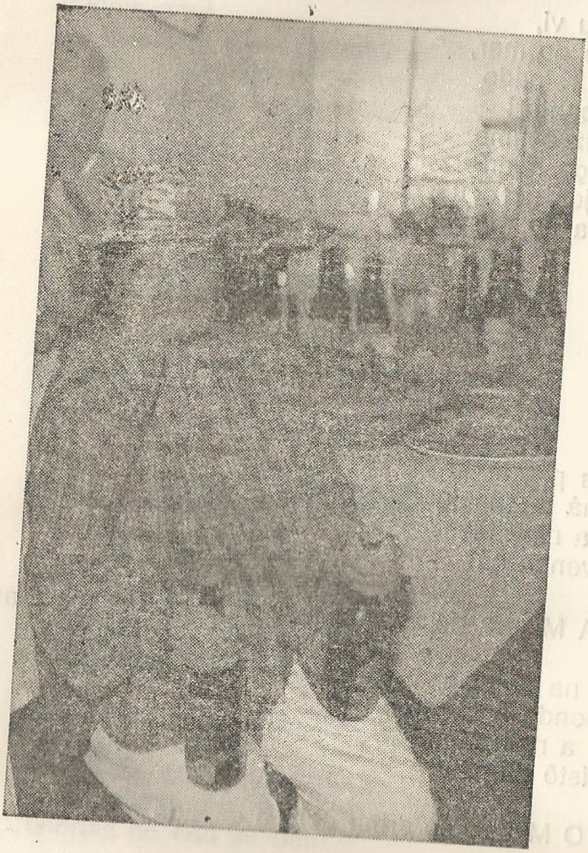
A Mestra de sessão responde na mesma toada:

Bula na cabaça, (
Résponde a simente (
Diga a meu Mest'
Qu' istô duente!

O Mestre se arma com a espada e canta:

Eu sô soldado
De cavalaria!

Distribui-se então cachaça com jurema para todos os assistentes e no mesmo copo. Depois o Mestre



Uma foto rara de "Mestra" Severina, catimbozeira da Paraíba , atndendo com seu Zé Pilintra, o motivador da presente obra.

faz a defumação de todos pelo bocal do cachimbo. A Mestra canta com a primeira linha:

Meu galo preto
Arrumanisco (bis)
Venha cum força,
Iguá cum curisco!

POMBO PRETO

Ôh, meu pombinho preto,
D'aonde tu vem?
— Eu venho de Belém
Ai eu venho de Belém! (bis)

GALO PRETO

Galo Preto rumanisco,
Num canta no meu terrêro!
Vai cantá no pé de Cristo,
Quano form'o seu madêro! (bis)

TAMANDARÉ CACIMBA NOVA

— Tamandaré, cacimba nova,
— As água toda rimói!

TAMANDARÉ

Tamandaré, Tamandaré,
Rei Nãnã!
Tamandaré de fulô,
Rei Nãnã!

LINHA DA RAINHA ENCANTADA

— Rainha encantada, daonde vens?
— Eu venho da mata grande!
— Abrindo portas e janel'andô, varandas de Vajucá!

LINHA DE MANUEL CADETE

Eu venho
De altas torres,
Venho adorando
Meu bom Jesúis!
Pau de jurema,
Quem te cortô?
— Manué Cadete,
Um bom Mestre curadô.

MESTRE CARLOS

Vinde, vinde, ôh flô da noite,
Réluzindo pur todas as mesas!
Um reis é um reis,
É um reis riá!
Mestre Carlos da Jurema,
Mestre Carlos é do Juremá!

MESTRE CARLOS

Mestre Carlos é bom Mestre
Que aprendeu sem s'insiná,
Trêis dia levô caído
No centro do juremá;
Assenta na mesa, escuta,
Trunfei a trunfa riá.

Mestre Carlos é bom Mestre
Que aprendeu sem s'insiná,
Trêis dia levô caído
No centro do juremá;
Quando ele se levantô
Foi pronto para curá.

DADOS DIVERSOS

Oração (Linha) de Mestre Carlos — Toda melodia se chama "linha". A "linha" é cantada pelo indivíduo que a tira e é de imediato seguido por todos os restantes, até que os "fluidos" cheguem sobre o indivíduo.

Os cantos são repetidos até atuarem sobre a "matéria" e o Mestre da sessão cair em transe. Então é que o espírito "acosta-se".

O espírito muitas vezes entra num Mestre de sessão e o corpo deste fica imóvel. Então é porque o espírito chegado está em "viagem" e levou o espírito do médium também com ele.

REINOS

Reino do Juremal — Reino de Vajucá — Reino de Ondina — Reino do Rio Verde — Reino do Fundo do Mar — Reino da Cova de Salomão — Reino da Cidade Santa — Reino das Florestas Virgens — Reino do Vento — Reino do Sol (onde trabalha o espírito Ciro, que não baixa na Terra, ficando sempre num raio de Sol) — Reino de Urubá.

ABERTURA DE SESSÃO

Abre-te mesa, abre-te Ajucá (mesa);
Abre-te portões de varandas riá;
Abram-se todos os portões e portinas
Riais do Vajucá, Cova de Salomão,

Ôh abra-se os portões encantados de Urubá!
Rio Verde, Ondina e Fundo do Mar;
Senhores Mestre eu quero!
Senhores Mestre vá!
Quero que me dê licença para trabaiá:
Trago a chavinha de Vangulô
Abrindo os portões e portinas eu vô
Trago a chavinha de Vajucá
Abrindo os portões e portinas riá!

SALVAR A PRINCESA (bacia)

Deus te salve princesa mestra (bis)
Sagrada estas horas Deus te salve.
E salve tudo, calços (objetos) na mesa, trabalhos etc.

Põe-se um bocado de cauim num copo com casca de jurema. Defuma-se com a "marca" em cruz, reza-se a "Salve Rainha" até nos mostre aquilo que desejamos. Reza-se o "Credo" e quando chegar no trecho "morto e sepultado" (diz-se: "visto e realizado seja o triunfo do...). Em seguida, o Mestre dá o cauim para cada irmão beber e lavar os pulsos. Depois defuma de novo, bebe e faz a prece de "transmissão de pensamento", defuma os 4 cantos da sala e joga o resto do copo, por cima da cabeça para trás, convidando os mestres desmaterializados a beber.

Eis a cantiga:

Vamos beber senhores Mestre
Vamos beber ôh rei, ôh rei, ôh rei riá!
Vamos beber os bons trabalhos!

Defuma-se o lugar onde caiu o cauim restado e o bagaço da jurema. Fazem-se as preces de abertura e está aberta a sessão.

ORAÇÕES FORTES PARA AJUDAR A "FECHAR O CORPO" E LIVRAR DAS PERSEGUIÇÕES — OUTRAS ORAÇÕES CURATIVAS

É crença entre os filhos de santo que conduzir orações fortes dadas pelo pai-de-terreiro e obtidas por meios mágicos, evita toda a sorte de desgraças, livra o indivíduo de cacete, de faca, de tiro, das intrigas, da prisão, "fechando o corpo".

Ter o "corpo fechado" é coisa desejada pelos desordeiros que, quando isso julgam obter, fazem em torno a maior divulgação. Nessas baixas camadas sociais dá-se o maior crédito a esse privilégio mágico, fazendo-se respeitar o capanga que o possui.

Dizia-se antigamente que Nascimento Grande, figura muito popular no Recife, no começo deste século, notável pelos conflitos em que andava metido e donde saía sempre vencedor, tinha o "corpo fechado". Assim, lutava por tudo e contra quem quer que fosse, armado ou sem armas, sempre com vantagem.

Entre os afro-pernambucanos é conhecida esta oração como das mais fortes para ajudar a "fechar o corpo":

"Salvai a Santa Helena
Na hora do meio-dia.

Chegou Senhor Meu Jesus Cristo e perguntou:
— Helena onde vais?

Seguir os passos dos nossos inimigos?
— Eu vou seguir os passos
Dos meus inimigos
Para Jesus e além.
— Que armas levas contigo para guerrear os nossos inimigos?
— Santíssimo Coração,
Santa Maria Eterna,
As cinco chagas de Cristo,
Paixão e Morte
Senhor meu Jesus Cristo
Para guerrear os nossos inimigos.

Os nossos inimigos
Sejam mortos de espírito,
Brandos de coração,
Plenos de sono.
Facas no meu corpo não entrai!
Se eles olhos terão,
Não me verão;
Bocas têm,
Mas não me falem;
Pé têm,
Mas não me alcancem;
Braços não me amarrais!

Cordas no meu braço
Não sustentais!
Ferro nos meus pés arrebentais!
Arma de fogo,
Não dês arma,
Correi águas no seu cano
Como correu a água da areia
Quando Nosso Senhor Jesus Cristo passou!
Meus inimigos passem por mim
Assim como passou por ti,
Pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo!"

OUTRA ORAÇÃO FORTE

"Senhor do meu coração
Livrai na minha grande aflição.

Foi a Virgem se sentar,
No seu jardim de flores,
Chegou o devoto,
Valendo o Senhor!

Deus nos criou
Para servir e amar.

Valei Senhor,
Por baixo dos nossos inimigos,
Não me fazer amar!

Valei Senhor,
Nem minha arma seja perdida,
Nem meu sangue derramado,
Nem meu corpo seja preso
Pelas mãos dos inimigos.

Pela Hóstia Consagrada,
Pelo Cálice bento,
O Santíssimo Senhor do Sacramento,
Por baixo dos meus inimigos,
Não me fazer amar!

Dominarei, Padre Nosso,
Ave Maria,
Credo em Cruz!

Estas orações assim como muitas outras semelhantes, fazem parte dos "preparos" com que se faz "fechar o corpo", devendo ser conduzidas dentro de um saquinho

de algodão ou de couro, debaixo do sovaco ou penduradas no pescoço para "fazer mais efeito", preso por um cordão de contas da cor do santo de devoção.

OUTRA ORAÇÃO FORTE

(Deverá ser sempre trazida no pescoço)

(Fulano), Deus adiante e paz na guia, encomendo-lhe a Deus e à Virgem Maria. Dou-lhe a companhia que deu a Virgem Maria quando foi de Belém para Jerusalém. O corpo de Cristo lhe guarde, o sangue de Cristo lhe salve, o leite da Virgem Maria lhe conforte, São Bartolomeu e os santos Apóstolos lhe acompanhem e lhe livrem de todo o mal e de perigos.

Com o sangue do meu Senhor Jesus Cristo ando armado.

Com a espada de São Pedro, cingido. Com o sangue do lado do meu Senhor Jesus Cristo banhado para que o meu corpo não sejja preso, nem injuriado, nem meu sangue derramado.

Os bons me enxerguem e os maus não me vejam.

Nem ao pé de mim cheguem. Deus me dê a companhia que deu à Virgem Maria quando foi de Belém para o Egito.

Deus me guarde tão bem guardado como foi Nosso Senhor Jesus Cristo guardado no ventre de sua mãe, Maria Santíssima e com a capa de Abraham andes coberto. AMÉM.

ORAÇÃO DE SÃO JORGE

(Para fechar o corpo)

Chagas abertas, sangrando todo o amor e bondade o sangue de meu Senhor Jesus Cristo no corpo se derrame hoje e sempre. Eu andarei vestido e armado, com

as armas de São Jorge, para que meus inimigos tendo pés não me alcancem, tendo mãos não me peguem, tendo olhos não me enxerguem e nem pensamentos possam eles possuir para me fazerem o mal. Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrarão sem ao meu corpo chegar. Cordas e correntes se arrebentarão sem o meu corpo amarrar. Jesus Cristo me proteja e me defenda com seu poder e da sua Santa divina graça. A Virgem Maria de Nazaré me cubra com seu manto sagrado, me protegendo em todas as minhas dores e aflições e Deus com sua divina misericórdia e grande poder seja meu defensor contra a maldade e perseguição dos meus inimigos. Ó glorioso São Jorge, em nome da falange do Divino Espírito Santo, estendei vosso escudo e as vossas poderosas armas AMÉM.

REZA PARA OLHADO

Rezam-se 3 Padre-Nossos e 3 Ave-Marias. Enquanto se benze com um ramo. Quando o ramo murcha na Ave-Maria, o quebranto foi posto por mulher. Quando murcha no Padre-Nosso, foi posto por homem.

Benze-se este menino
Te botaram mau-olhado
Quebranto pra te matar
Te benzo para te curar
Com o poder de Deus
De Deus Filho
Com o poder de Deus
Do Espírito Santo
Da Santíssima Trindade.

Se com esta reza não conseguir resolver o "olhado", o que será difícil, só poderá conseguir resultado com um defumador preparado pelo Mestre. Poderão ser empregados, também, outros processos mágicos.

ORAÇÃO PARA ENTRAR EM QUALQUER LUGAR E SER ATENDIDO

A pessoa deverá entrar com o pé direito. Ao avistar a casa onde estará a pessoa a quem irá fazer o pedido, reza-se:

Deus vos salve Casa
E todos que aí estão
Que eu seja atendido
Com Cristo e Sansão
Para tudo que eu pedir
Alcançar e obter
E ninguém terá a força
Para me dizer que não
Jesus é por mim
Nada será contra mim
Jesus é por mim
Nada será contra mim.

NOTA: Rezar batendo no peito, ao terminar, entrar com o pé direito.

ORAÇÃO PRA GUIA COMPLETA

Meu Jesus e meu Senhor guiai os meus passos na Vossa Divina Misericórdia. Assim eu coloco em mim um crucifixo e ando na paz do Senhor, fora dos meus inimigos, com o poder da Virgem Maria, com a sua santa luz na minha guia. Prometo a Jesus da sagrada cruz não me separar nem deixar de trazer os meus inimigos e malfeitores corporais e espirituais presos e amarrados debaixo de meu pé esquerdo para fazerem o que eu com estas santas palavras mandar e acreditarem no santo poder de Jesus.

ORAÇÃO PRA QUALQUER HORA

Meu Jesus meu bom Senhor, meu Jesus meu Redentor, assim como perdoastes a Maria Madalena ao pé da cruz assim Senhor dai-me força e luz para retirar os espíritos zombeteiros, viciosos, malfeitores e fazei chegar a mim na minha casa os bons espíritos. Assim seja.

FORÇA DO CREDO

Salvo saio, salvo entro. Salvo Nosso Senhor no rio do Jordão, na barca de Noé me embarco, com as chaves do Sacrário me fecho, com Jesus Nazareno me benzo, com o Credo e a Cruz me cubro; as armas de São Pedro trago a meu lado à mão direita; andarei de noite e de dia; os bons me verão; e os maus não me verão. Com Deus Pai, com Deus Filho, com Deus Espírito Santo, Deus faz, Deus pode e Deus quer. Assim acabarei eu com tudo quanto puder e quiser.

ORAÇÃO DAS NOVE ALMAS SOFREDORAS

Almas — Almas — três das que morreram afogadas três que morreram queimadas, três das que morreram arrastadas por mal de amores ajuntam-se todas três, todas seis e todas as nove e dêem um abalo e um aperto no coração de (F) para que não coma, para que não beba, para que não durma e que não pare e não tenha sossego em parte alguma sem que não venha falar comigo e que esteja sempre em minha companhia. Se estiver dormindo acordará pensando em mim; com o poder que tem esta faca, com o poder que tem este chão, não fura o chão e que fure o coração de (F) para que não coma, não beba, não durma e não tenha sossego em parte alguma e que sempre esteja em minha companhia e em meu lado.

ORAÇÃO DA CABRA PRETA

(Catimbó, Paraíba)

Izaura falsa, que pelo mundo andastes, ao pé da forca passastes três cabras pretas encontrastes e o leite delas tirastes e dele fizestes três queijos: um destes a Lúcifer, outro a Ferrabrás e o outro ao Cão Coixo. Pelo poder destes teus amigos quero que vá agora, já, já, já, na Capital Federal e traga de lá o Bicho, a centena e o milhar que tem que dar amanhã (ou hoje), já, já, já.

ORAÇÃO DA CABRA PRETA

(Catimbó, Rio Grande do Norte)

Minha Santa Maria Elisa, assim como andaste, no caminho encontraste uma Cabra Preta, nela mamasse e nela pojasse do leite dela que tirasse, fizesse três queijos, um para Caim, um para Ferrabrás e outro para Satanás. Quero que com o poder que tendes fosses em Jomé, encontrasse uma vara com a ponta bem fina, quero que com ela toque no coração de (fulano ou fulana), faça com que ela abrande o coração dele, quer ele queira quer não, já, jjá, já, se ele não conseguir o que eu quero não o deixe dormir sossegado, nem comer, nem beber, enquanto não fizer o que eu quero.

ORAÇÃO A SANTA HELENA

(Ubatuba)

Minha Santa Helena, vós que o Mar Vermelho passastes, a ceia de Jesus Cristo ceiastes, dormistes, sonhastes e acordastes a árvore da bela Cruz nos vossos braços

achastes três que nela tinha, todos os três vós tirastes um na ponta do vosso maito atastes, outro no mar sagrado botastes e outro destes ao vosso irmão Tobias, vencedor de guerras e porfias, vós que com as vossas santas palavras abrandastes touros bravos, serpentes e leões. Vos peço que abrandeis corações maus, as doenças, as desgraças e todas as infelicidades.

ORAÇÃO A SANTA CATARIINA

(Ubatuba)

Quem rezar esta oração, livrar-se-á de cães danados, bichos bravos e inimigos).

Minha Santa Catarina, clara e digna vós fostes com aquela senhora, que passando pela porta de Abraão achastes quatrocentos homens, tão bravos como leões e vós com as vossas santas palavras, abrandastes seus corações. Assim minha Santa Catarina, abrandai os corações de meus inimigos, se tiverem pés, que não me alcancem, se tiverem mãos, que não me segurem, se tiverem olhos, que não me vejam, e se encontrarão tão acorrentados dos pés e mãos, como meu Senhor Jesus Cristo se viu na Cruz. (Ofereça três Padre-Nossos, três Ave-Marias à Sagrada Morte e Paixão de Cristo).

ORAÇÃO A SÃO JORGE

(Ubatuba)

Por esta porta entro e por esta mesmo eu saio. Com armas de São Jorge, vou armado. Com o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, meu corpo foi guardado com o leite de Nossa Senhora, meu corpo foi borrifado. Ando noite e dia com prazer e alegria. Assim como permaneceu Jesus Cristo no ventre da Virgem Maria.

ORAÇÃO A SANTA BÁRBARA

(Ubatuba)

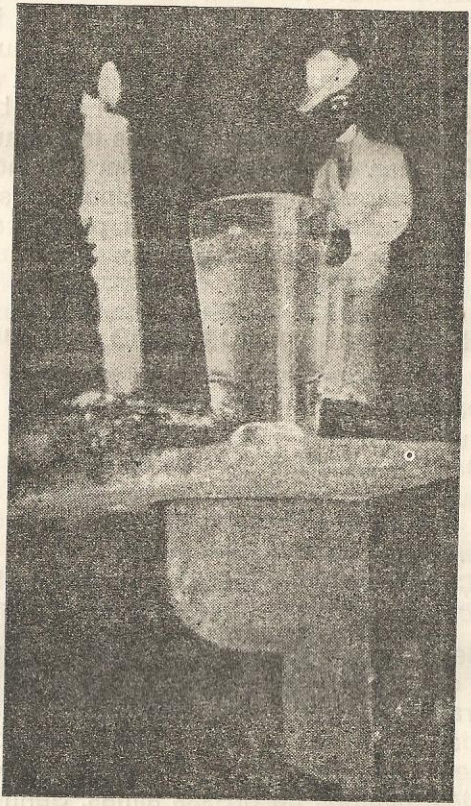
Santa Bárbara, calçou-se e vestiu-se. Seus pés no caminho pôs. Encontrou-se com Jesus Cristo. Jesus Cristo perguntou: — Onde ides Santa Barbará? — Em vossa busca Senhor, para abrandar os trovões e fuzis. Para sempre amém. Jesus.

ORAÇÃO DA CRUZ FORTE DA AMARGURA

(Para fechar o corpo)

Sois tão forte e tão onipotente, puríssima Virgem Maria; fostes prudente nove meses, com o vosso bendito filho no ventre. Assim seja eu como todos os meus negócios.

Se encontrar algum inimigo em meu caminho a Virgem Maria dele me queira livrar. Se ele tiver espingarda ou qualquer arma de fogo, dela há de correr água; se contiver chumbo, há de se quebrar. Se ele trouxer arma cortante há de se quebrar. Se ele fizer malefício, recaiam sobre ele, com os poderes de Deus. Quer de noite, quer de dia, que eu durma ou esteja acordado, eu presente ou ausente, os meus inimigos não terão forças contra mim. Queira me valer a "Cruz Forte da Amargura". Aqueles inimigos ou aquelas inimigas, que mal me desejarem, não me alcançarão, nem terão mãos para me ofenderem. Se tiverem dentes não me ofenderão. Se tiverem olhos não me verão, nem de noite, nem de dia, porque eu tenho por mim o sangue perpétuo da "Cruz Forte da Amargura". Cacete para mim não terá altura nem grossura. Assim me queira valer a "Cruz Forte da Amargura". Os meus e as minhas inimigas em mim não pensarão, porque eu amo a Jesus, filho de Deus, e ando dele acompa-



Assim é tal e qual o altar de Zé
Pilintra (José Gomes da Silva),
Mestre e curador.

nhado. Quando eu tiver de morrer, hei de me lembrar de Deus Eterno e Poleroso e chamar pelo seu nome, a fim de que a minha alma encontre abertas e iluminadas as portas da eternidade. A Virgem Maria há de fechar meu corpo aos fluidos maus dos olhos dos meus inimigos e somente permitir que os espíritos bons me guiem e iluminem minha travessia da vida. Os cães para mim terão dentes cerrados e todos os animais, por mais bravos que sejam, a "Cruz Forte da Amargura", os fará mansos como cordeiros. Deus se compadeça de mim e bendita seja a sua obra maravilhosa. Deus me ilumine. Deus me guie. Deus me inspire e faça com que eu possa ser útil aos que de mim necessitarem. AMÉM!

ORAÇÃO PARA A FORÇA DO OLHADO

Com Deus te botaram
Com quatro eu tiro
Com Deus te botaram
Com quatro eu tiro

ORAÇÃO DE NOSSO SENHOR DO BONFIM

Meu Senhor do Bonfim, acho-me em tua presença humilhado de todo o meu coração para receber de ti todas as graças que quiserdes me dispensar. Perdoe-me Senhor, todas as faltas que eu tenha cometido por obra ou pensamento e fazei-me forte para vencer todas as tentações dos inimigos de nossas almas. Senhor do Bonfim, tu és o anjo consolador de nossas almas. Peço-te e rogo, venha me ajudar nestes dias difíceis. Venha me sustentar com os teus braços fortes e poderosos, para andar em paz contigo e com Deus. Portanto, Senhor do Bonfim, tu que és Santo de maior poder na Terra, livrai a nossa casa de todo o azar e das maldades. AMÉM.

ORAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO

Santo Antônio, vós fugindo meu santo defensor, amansando, amarrai por vosso amor, quem de mim foge tanto. Empunhai o vosso santo manto as algemas e os fortes grilhões para os passos dele impedir quem de mim quer fugir. Santo Antônio o tendes em mãos, meu glorioso Padre Santo Antônio, pelo burel que vestistes no altar de Belém; pela hóstia que consagraste, pelo Menino Jesus que nos vossos braços santos tomastes, pelo vosso santo breviário, que no mar perdestes e ao cabo de três dias achastes e grande alegria tivestes quando nele pegastes. As ondas do mar passastes aos portugueses. O perdido achais, os pobres amparais, as viúvas consolais e os tristes alegrais. Em Itália fostes pregar e veio cm anjo e vos disse: Antônio, vai salvar teu pai da forca que pende inocente no Palácio do Rei. Pela alma do vosso pai vos peço, pelo leite que mamastes vos peço que, assim como não parastes não dormistes, nem sossegastes enquanto vosso pai da forca não livrastes, assim hás de me livrar da aflição em que me acho. Hei de vencer e vencerei, meu glorioso Padre Santo Antônio, se vós acordando (fulano) para não dormir, não parar, nem sossegar enquanto não fizer isto: (faz-se o pedido). São Simeão com as forças que Jesus Cristo lhe pôs nas mãos e com o coração de Santo Antônio, fazei-me esta amarração no coração de (fulano).

ORAÇÃO DAS ALMAS SANTAS E BENDITAS

Minhas almas santas e benditas. Aqueles que são do meu Senhor Jesus Cristo por aquelas três almas que morreram degoladas, por aquelas três almas que morreram a ferro-frio, por aquelas três almas que morreram arrastadas junto todas seis e todas nove, para darem três

abalos no coração dos meus inimigos. Que eles ficarão humildes de mim debaixo a uma paz e consolação, a ponto de terem os olhos e não me verem, de terem braços e não me agarrarem.

MÚSICA / A MÚSICA E A MAGIA / INSTRUMENTOS E MAGIA / GENERALIDADES

O efeito dessas melodias lerdas ou desses ritmos batidos violentamente não é propriamente religioso ou mágico. Mas não é também exclusivamente dinamogênico, fisiológico. Não é pois nem realista nem miraculoso. Quer pela dolência monótona da melodia, quer pela violência percuciente do ritmo ou pela vaguesa e indecisão da sua regularidade (nas peças não coreográficas, de caráter e forma do recitativo), deixa o ser numa espécie de disponibilidade moral. Isto é o essencial, é o princípio mesmo da função mágica ou apenas religiosa da música, da dança, do álcool, do incenso, do jejum, da luz excessiva ou da escuridão excessiva, da festa brilhantíssima e jesuítica, ou da cerimônia austera e voluntariamente pobre. Agem da mesma forma que os estupefacientes: violentam o ser físico, tiram-no da sua normalidade e por isso o deixam numa verdadeira disponibilidade moral. O indivíduo não apenas perde grande parte do seu individualismo, daquilo que ele é exclusivamente e só ele se volta portanto àquela forma primária dos seres humanos a que Lévy Bruhl caracterizou chamando de "mentalidade primitiva" mas realmente perde em grande parte e muitas vezes totalmente a sua faculdade de reação intelectual. Quero dizer: não apenas ele se torna mais uma parte indivisível da coletividade em que está

em vez de ser um indivíduo, como não pode mais pensar por si, sua inteligência não reage, não recolhe os fatos que estão se passando para compará-los, para julgá-los, para defini-los e formar um juízo, que tudo dependerá mais da cultura, do caráter, da entidade moral do indivíduo. Ele está completamente disponível. Disponível moralmente que nem um bêbado que mija em si ou dá um tiro de revólver e mata. Aí está a importância psíquica das melodias, ritmos, luminárias, abluções mágicas, religiosas ou feiticeiras. Depauperam ou anormalizam (sempre depauperam) de tal e orientada forma (orientada pela experiência prática) o ser físico que ele está moralmente amoral. No que pois ele na sua bebedice se distingue do bêbedo ou do morfinizado? É que estes permanecem sempre indivíduos. Se perdem grande parte ou totalmente o poder de reação intelectual têm sempre uma tal ou qual identidade moral. São identificáveis. Daí se dizer que fulano "tem o vinho triste" e outro o "vinho alegre". Ainda racialmente a entidade moral persevera. Os alemães bêbedos cantam. Brasileiro bêbedo dá para valentão. São coisas sabidas.

E nisso o "disponível moral" se distingue dos bêbedos. A sua bebedice não só o deixa sem reação intelectual como o reverte a uma primaridade, que não é mais individual, mas coletiva. Toda religião, quer as religiões propriamente ditas, quer as seitas e corporações de qualquer espécie de magia, de feitiçaria, de feiticismo propriamente dito etc., são manifestações coletivas. Assim coletivizado pelos seus estupefacientes, da mesma forma com que um poltrão coletivizado é ótimo soldado na guerra, ou um operário coletivizado esquece mulher e cinco filhos para morrer numa greve. Coletivizado pelos seus estupefacientes o ser age pelas manifestações primárias que só podem ser as da coletividade. Se dentro de cada um de nós as noções de liberdade, igualdade, bem, mal, beleza etc. etc. assumem variadas e individuadas formas de ser e cada um de nós intui a sua justiça,

a sua liberdade, o seu bem, devido a mil e uma circunstâncias físico-psíquicas, a verdade é que, por outro lado, essas palavras são o que em filosofia se chama um "universal", noções vagas, genéricas, sem nenhum refinamento, sem nenhuma sutileza, broncas e primárias. Essas são as noções pelas quais a coletividade se manifesta e age. Mentalidade primitiva. Não propriamente no sentido em que a distinguiu no princípio Lévy-Bruhl (ele mesmo voltou atrás em seguida) mas no sentido de ser primitiva por ser primária, genérica, bronca, sem nenhum refinamento ou sutileza individual.

Ora, desprovido pois o indivíduo da sua individualidade e transformado em ser primário por se ter tornado coletivizado; ainda mais colocado em disponibilidade moral e sem faculdade de energia e reação intelectual — que tudo isso foi ação da cerimônia por meio dos seus estupefacientes (música, ritmo, luz, incenso etc.): agora é que é o momento do chefe, papa, "medicineman", pajé, mestre, agirem. E este então sincera e charlatãmente dirige o ser (coletividade) que não perdeu o moral, não está imoral como o bêbedo ou o morfinizado, mas está de moral disponível. O pajé dispõe do moral do indivíduo coletividade. Insufla-lhe o que este indivíduo-coletividade deve crer. Move-lhe o gesto naquilo em que ele deve agir e como deve agir. E o indivíduo-coletividade crê, vê e age. Li não sei onde uma palavra de Santo Agostinho em que ele explicava as vocalizações "festivas" introduzidas no canto gregoriano como momentos em que o ser na sua comunhão com a Divindade prescinde das palavras (reação intelectual) e se bota cantando tralalás de puro êxtase e felicidade Talvez seja mais científico dizer o contrário: que conseguido pelo canto com palavras um estado f,sico-psíquico de êxtase e felicidade o crente se botava vocalizando no período final de bebedice pra propiciar esse momento sublime de inteira comunhão com a Divindade... O comunismo tem o costume de dizer que "religião é o ópio do povo". O povo tem vastos e nume-

rosos ópios. A liberdade, não será mesmo o mais freqüente?... O essencial talvez não seja verificar que a religião é um ópio do povo como religião, isto é, prática, é ópio: o essencial seria talvez verificar se não estamos querendo apenas substituir uns ópios velhos por outros ópios novos...

MÚSICA E MAGIA

Nos contos populares aparecem constantemente partes cantadas isso em todos os países e línguas, todas as civilizações das mais primitivas às mais adiantadas. Isto deriva da aplicação natural da magia ao conto popular. Baudouin diz bem que "ao passo que o mito se eleva a uma cosmogonia, o que aparece em primeiro plano no conto popular é um outro aspecto do pensamento primitivo, aspecto mais prático, a Magia. As metamorfoses bruscas que o sonho realiza, por uma espécie de racionalismo primitivo, o conto popular explica pela intervenção de filtros e sortilégios". Ora o que nos interessa é que esse sortilégio, essa ação mágica surgida no conto são constantemente realizadas pela intervenção do canto, como no "Capineiro de meu Pai". No meio do discurso oral do contador a música é convertida ao seu poder de mistério, é sempre ainda uma espécie de racionalismo primário que leva o contador a empregá-la. Ela, pelo seu mistério, pelo seu poder mágico, ajuda a explicar o ato fora do natural, que a realidade não explicaria por si.

A música na feitiçaria é tão importante, sua função é tão especificamente litúrgica, que em quase todos ou todos os ritos de feitiçaria o padre, o mestre, o pajé, o pai de terreiro é que dirige ou entoa só cantos e danças. Diz-se que o dirigente musical, dos candomblés é sempre o pai de terreiro, e que a "alta função sacerdotal (do dirigente da música) consiste em evocar ou chamar o santo durante as danças.

O afastamento da mulher do culto, o que é já fenômeno característico de civilizações já matriarcais, quando o homem, perdido o monopólio de domínio que tivera no tempo dos clãs caçadores, procura vencer o domínio sutil que a mulher ia adquirindo nas civilizações mais familiares e pacíficas da agricultura. Um dos meios foi esse: mulher não faz feitiço, nem encantações, nem curas. Tudo isso é próprio do homem, e com isso a música que é própria dessas atividades.

INSTRUMENTO E MAGIA

Os 12 liús chineses, os tubos sonoros, eram identificados às luas e tinham nomes esotéricos. O 1º, por exemplo "hwangtchong", isto é, sino amarelo, que correspondia à 11ª lua em que está o solstício de inverno. Daí, seu nome de "amarelo", segundo o filósofo Tu Yeú, isto é, cor da terra, pois que no solstício de inverno o elemento masculino está escondido sob a terra. Entendereis se quiserdes.

Se a ofiolatria pode se dizer universal, a escolha da serpente cascavel, da "cascavel de guiso", como redundamente ainda escutei se dizer na minha infância, escolha da serpente instrumental entre tantas outras, pelos Natchez da América do Norte, parece escolhida pelo seu valor sonoro.

O maracá entre os índios não era apenas instrumento adstrito ao cerimonial dos pajés, mas um legítimo feitiço, como conta Léry.

O ogã tocador de atabaque é personagem de honraria na macumba (informe do saudoso Pixinguinha) e merece menção especial como as coralistas da deusa Hator, no Egito.

Os puritanos da Nova Inglaterra, ainda nos fins do século XVII proibiam certos Estados da América do Norte

o uso de quase todos os instrumentos e os tinham por invenção do diabo.

A buzina, o búsio marítimo, usado nos nossos mares como no rio São Francisco, universalmente têm a função de invocar a ventania.

O instrumento de sopro com poder de invocação (no Congo). Talvez venha isso por assimilação. Como a voz é usada em principal nas orações de louvor e invocação, o instrumento de sopro, porque é sopro se assimila à voz. Da mesma forma a percussão tem um valor táctil muito assimilável à batida, ao choque, à relhada. Como se enxota um animal com a batida dum pau ou da relhada, como se enxota ou mata um inimigo, batendo nele, perfurando-o com espadas, lanças, setas: o som do seu valor táctil de bater, de chocar, de perfurar é assimilado por isso aos objetos de enxotar ou matar.

GENERALIDADES

Onde o Catimbó se distingue essencialmente da Macumba é em seus Mestres não terem sido assimilados aos santos da veneração católica. Se o ritual de Catimbó está eivado de reminiscências orais, muito também, de objetos do culto católico e aceita pelos seus nomes europeus a alguns santos do Catolicismo, não identifica santo nenhum europeu e nenhum do Catimbó. O oposto quase, pois da Macumba que a quase todos os seus deuses africanos fundiu com os beatos do **flos sanctorum** do Catimbó (excusez), conserva uma originalidade sistemática e inassimilável, muito mais forte e mais cheia de fé que o da Macumba.

É possível contestar toda esta série de Mestres apresentados por mim uma autenticidade popular mesmo restritamente regional. Não pude confrontar catimbozeiros, só lidei com dois, apaniguados, entre si. E se a uni-

versidade nordestina de muitos dos santos pode ser verificada pelo incontestável conhecimento de mestres como Mestre Carlos e Tamandaré, por outro lado, a catimbosice do Pará já me deu outros santos que os dos meus feiticeiros natalenses. Isso porém não desmente a autenticidade individualista deste meu florilégio. Os catimbozeiros nordestinos, da mesma forma que os pais-de-terreiros baianos e cariocas e ainda os feiticeiros afro-cubanos mantêm uma larga interindependência entre si, não se ligam, antes rivalizam, se caluniam e se temem às vezes. Meus colaboradores, por exemplo, indicaram mestres ainda vivos a que temiam. E o mesmo sucede em Cuba. Essa independência auxiliada pelo cabotinismo e rivalidade cria deuses à vontade. E tanto mais um semi-literalizado como um dos meus colaboradores. Mas o incontestável é que as linhas biográficas estavam perfeitamente fixas como observei.

Não existe propriamente uma concepção fixa de bons e maus Demônios. O Mestre mais coroável, o melhor, traz consigo o malestar da assombração — é fundamentalmente um indesejável.

Porém, não revestem nunca a forma de assombrações. São concebidos como espíritos sistematicamente desobstruídos de qualquer materialidade, sem mesmo a vaporosidade brancacenta ou luminosa de almas-do-outro-mundo, boitatás, lençóis de assombrações ou materializações espíritas. O processo de materialização dos Mestres é franco, realista, não joga com a impressionabilidade ilusória dos seus crentes. Entra no corpo dos Mestres materiais diretamente, e neste é que se manifesta, imprimindo-lhe resultados duma materialidade nova, a qual produz mutação da vor, gesticulação particular, psicologia diferente, e até excepcionalmente estabilidade diversa, como o espírito que só fala de cabeça para baixo.

Para supersticioso, como para ser primário "nada é fortuito, porque quanto mais para nós um acontecimento

é ocasional, mais para ele se trata de uma manifestakão incontestável, decisiva, evidente, reveladora de uma força mística (extra-natural). Na cabeça dele não há espaço para o evidente", o ocasional. Daí, para o supersc:c:oso, como para o primitivo, uma vida deliciosamente c:ara e consoladora. Clara porque, justamente os mistérios do invisível do supranatural, explicam tudo com facilidade e especialmente com um determinismo que inutiliza de antemão qualquer reflexão, qualquer pergunta ao pensamento próprio e a:heio, qualquer indecisão, e a tristeza negregada do "ignorabimus". O supersticioso, como o primitivo possui uma racionalidade míst'ca, cuja própria escureza é mais um elemento de claridade, é a própria evidência. E disso provém uma vida como falei, deliciosamente conso:adora em que o "regret" está completamente abolido, em que a situação psicológica do "que pena", jamais acha lugar e em que a prát'ca da feitiçaria substitui os próprios desejos, ódios, temores, realizando os dois primeiros pela transferência do objeto desejado ou odiado, na representação dele ou na prática ritual. Ao mesmo tempo que os temores se aplacam, não pela confiança em si mesmo ou na ordem dos fatos materiais (racionalismo de ser civilizado), mas pela inviolabilidade adquirida com o fechamento do corpo ou qua:quer outro rito idêntico. Pela realização ritual o catimborista adquire uma espécie de compromisso com as próprias forças místicas ocultas que lhe servem pra explicação dos fenômenos e sucessos vitais, ele entrepenetra numa invisibilidade que para nós seria apenas comodista, mas que para ele é uma legítima elevação relig:osa.

CATIMBÓ / DEFUMAÇÃO

Será em todo caso muito ousado afirmar que a defumação tem sempre caráter expulsatório (exorcístico) de espíritos.

Casos há freqüentes, em que se dar uma interpretação dessas forçaria a realidade pelo menos atual do rito. Assim, entre os Baganda descritos por Roscoe, a fumaça sobre a água de pesca é destinada a fazer com que o peixe caia na rede. Se é fácil torcer o pensamento e ver nisso o caráter expurgatório afastando os espíritos que impediriam o peixe cair na rede, será porventura mais lógico, mais imediato compreender a analogia pela qual, se o fumo nos perturba, perturbará também o peixe. É certo que não sei de prática mágica usada neste sentido e empregando as bebidas alcoolizadas, mas o emprego freqüente de vegetais venerosos (como o timbó dos Brasis) poderia perceber na defumação da água pelos Baganda, apenas o princípio de analogia. Mas, já agora, a fraqueza desta argumentação me predispõe a ver também da defumação dos Baganda pescadores o princípio de afastamento dos espíritos.

Na cerimônia como que batismal da civilização maia (Iucatan) as crianças tinham que jogar ritualmente num braseiro, milho moído e incenso para expulsar os maus espíritos. De resto, qualquer fumaça e incensação do ritual religioso dos maias é nitidamente de significação exorcística.

O emprego sistemático da fumaça deve ser reminiscência indígena. O padre Ivo d'Evreux conta que entre os tupinambás se acreditava que o fumo do petum os deixava "discretos, judicioso e eloqüentes", usando sempre dele antes de alguma falação e nos conselhos.

Entre todas as tribos da raça tupi, o tabaco é considerado como planta sagrada.

Notar que na defumação parece haver associação de imagens entre fogo e fumaça. O fogo que afasta os animais ferozes no mato foi associado nos ritos de magia e de religião, como afastador dos espíritos ruins e dos males. A fumaça que o fogo produz foi associada a ele como causa produzidora dos mesmos efeitos. Daí ser ela essencialmente afastadora dos males, purificadora, lustral. Tanto mais que nos espíritos primitivos o animismo intervém diretamente em tudo, a tudo é assccialo, a tudo anima, tudo converte em espíritos.

O perfumar roupas ou defumar quartos com alfazema, da nossa tradição feminial, não se baseia em nenhum princípio de higiene ou aprimoramento de costumes. Deriva dos poderes exorcísticos do fumo e da planta muito perfumada.

PAJELANÇA

A Pajelança é uma forma de religião praticada no Amazonas, Pará e Piauí.

A sua prática consta de uma mistura heterogênea de rituais de várias outras religiões. Na Pajelança são encontrados ritos de Candomblé, Xangô (muito ligeiramente), Catimbó, Espiritismo, Catolicisco e práticas de origem indígena.

Nas suas reuniões o Pajé e as demais pessoas presentes bebem o "tafiá" (cachaça), enquanto o primeiro se prepara para atender às consultas feitas pelos presentes.

Após a invocação dos "encantados" que baixam, é feita a indagação da causa dos males que afligem este ou aquele filho.

É também procurada a "puçanga" (receita) indicada para cada caso.

Os "encantados" que receitam, geralmente, são almas de animais que encarnam no Pajé. Se acaso esse "encantado" não conhece o remédio necessário, indica qual o meio a seguir.

O Pajé usa sempre na mão o Maracá e um feixe de plumas de ema. O único instrumento musical usado na Pajelança é o Maracá que se transforma em instrumento mágico quando manejado pelo Pajé.

É importante assinalar que a alma dos bichos, quando incorporada no Pajé, costuma desejar danças, brincar e divertir-se. Verifica-se, então, o aparecimento de

danças muito movimentadas e alegres. Os gestos são em espécie de mímica, sempre de acordo com o espírito que as executa.

As práticas da Pajelança incluem a feitiçaria africana, a do Catimbó, a indígena etc.

O Toré é de origem amerindia, onde as pessoas buscam remédios para suas doenças, procuram conselhos com os caboclos que "baixam". O mestre defuma, receita, aconselha. Certamente é o mesmo Catimbó dos arredores das capitais e grandes cidades nordestinas onde os destituídos da fortuna procuram como oráculo para minorar os penares e desditas.

Quando afirmamos que Toré é o mesmo Catimbó, Pajelança, Babassuê ou a "Encanteria" do Piauí, o fizemos porque, neste vasto Brasil, as denominações de uma cerimônia variam de região para região. Em Alagoas, na foz do Rio São Francisco, em Piacabuçu, Toré é o mesmo, o mesmíssimo Catimbó onde além das funções medicinais fitoterapêuticas são encontrados os elementos fundamentais deste herdadas do índio: a jurema e a defumação curativa. Basta ler os estudos de Oneyda Alvarenga, de Roger Bastide, Gonçalves Fernandes, Luís da Câmara Cascudo ou Eduardo Galvão para que se veja a semelhança entre o Catimbó, Pajelança, Babassuê e o Toré que nós registramos.

No Toré faz-se a procura do nome da moléstia e adivinhação mágica. Além da defumação usam ervas e dentre elas se destaca a jurema, em cujos poderes mágicos os sertanejos acreditam piamente. É, portanto, medicina mágica cujo oficial e executor é o presidente do toré também chamado "mestre" do toré.

No Toré de Picabuçu, os "caboclos" para "baixarem na terrera", precisam ser chamados na "piana" por meio de um canto — "linho" ou "linha" e batidas de ma-

racá. O mestre, dirigente do Toré não usa indumentária especial a não ser um cocar de penas, chamado por ele de "capacete de índio". Os membros do Toré se reúnem às quarta-feiras e sábados, logo após o Sol se pôr. É uma reunião — a "chamada". Após a reunião em que várias pessoas tomam parte (15 ou 19), há uma outra, que é o "trabalho da ciência", assistido apenas por cinco ou seis membros mais importantes, ou melhor, mais adiantados no "trabalho". A este "serviço de mesa" aos não iniciados não é permitido participar, a não ser os que "tenham sangue de índio, sangue reá". Há outra reunião às vezes anual, que é a do "banquete dos maracás" onde só os antigos podem comer, reservada exclusivamente para os provados freqüentadores, "filho dos filhos de aldeias". Estas práticas e outros traços culturais deixados pelos índios, como a fitoterapia podem ser constatados na região do baixo São Francisco.

Uma das características do atual Toré que se relaciona bem perto com as crenças indígenas é o processo da manifestação dos "caboclos" no terreiro; são chamados lá na aldeia onde eles moram (os vivos) caem em sonolência para poder comparecer onde foram chamados. No Toré não invocam "espírito branco", isto é, espírito de pessoas que morreram. Nisto diferem do espiritismo, onde invocam o espírito de pessoas que morreram. No Toré descem só "caboclos" e também alguns "juremados". Juremado é o que está nos ares, quando ainda vivo bebeu jurema ou ao morrer estava sob uma juremeira. O juremado é um espírito em processo de "caboclização" (santificação) não é perigoso como o espírito branco. O jjuremado pode freqüentar aldeias e descer nos torés. Nos torés somente trabalham aqueles que têm sangue de índio. Branco ou negro nele não entram. Os juremados são os que possuem sangue indio e tomaram jurema e estarão ao pé da jjuremeira, uma espécie de purgatório católico romano, onde com o auxílio e trabalho dos demais membros do toré poderá tornar-se um

espírito benéfico, isto é um "caboclo". Seria uma mistura de crença católica romana — existência de purgatório — e kardecista, isto é, o desenvolvimento do espírito através das reencarnações, aqui seria da "juremação".

O "caboclo" é chamado no toré de seu "linho", de seu canto, porém quando desce um juremado, embora não seja chamado, não é repelido porque para ele será feito um trabalho que o aperfeiçoará. O aperfeiçoamento do juremado começa pelo fato de ele ir compondo um "linho". O momento que seu "linho" fique conhecido, basta um dos presentes lembrar um pedaço da melodia para que ele se manifeste no terreiro. O juremado tem que ter sangue índio. Branco ou negro que tenha tomado jurema não ficará juremado. Os mestiços deles com indígenas sim, porque terão um pouco de sangue índio. Negro e branco quando morrerem são espíritos brancos aos quais recusam receber no toré. Para que estes não se aproximem nas "pianas" colocam flechas, assim o "espírito branco não pode chegar". A jurema árvore sagrada, só será benéfica aos que possuem sangue de índio. Anualmente, um dos membros do toré, de sangue índio, poderá participar da reunião — matecai — na aldeia de Ouricuri lá pelas bandas de Porto Real do Colégio, como não há mais aldeia de índios nos arredores do Piaçabuçu para lá se dirigia antigo membro do toré, hoje falecido.

Outro traço indígena que o "caboclo ou encantado" tem que apresentar ao manifestar-se é a sua coroa, isto é, um feixe de cabelo no alto da cabeça, cabelo duro, estirado de índio. A pessoa canta quando o encantado baixa nele. Todos os "encantados" têm que mostrar sua coroa. Adiantou-nos o informante Durval Farias, não se poder trabalhar com nenhum objeto nos bolsos e nada nos pés, porque quando os "caboclos" descem desejam ser como eram vivos, com os pés descalços, calças arregaçadas para não sujar.

O dirigente do toré é o Presidente. Há sempre um ajudante, um acólito. Ao Presidente "compete assistir a reunião; enquanto os outros ficam manifestados, ele fica de lado para evitar atrapalhações, é para evitar os cantadores de linha" isto é, os que cantam e não sabem dar definição do que cantaram. A direção está realmente em suas mãos. Ele é o dirigente.

O Presidente, o acólito e demais membros do toré do sexo masculino, afirmam não ter contato sexual com mulher nos dias anteriores às reuniões e trabalhos no terreiro. Isto deve ser observado, afirma Artur Francisco da Cruz, para "poder pegar o encanto". Também nesse dia "não se pode beber bebida alcoólica, e é preciso tomar banho". É a ablução, portanto influência moura. Índio também gosta de banho. Facilitou o sincretismo.

No toré não há indumentária especial. Há apenas o "capacete" de índio, que é um cocar que o Presidente usa durante os "trabalhos", além disso, coloca a tiracolo um enfeite de penas, tira os sapatos ou "bostocos" (tamancos), dobra as barras da calça até a altura dos joelhos. Os demais colocam um rosário — são os cintos dos meninos — usam dar uma volta só, "apoiado", isto é, a tiracolo. O rosário de duas voltas é nagô de candomblé, por isso cuidam dar uma volta só para os caboclinhos. Os que recebem o "encantado", colocam antes o rosário apoiado (a tiracolo), defesa para não receber espírito branco que às vezes pode querer se manifestar, zombando mesmo das flechas que estão sobre a piana. Estes podem entrar pelas "esquerdas, daí não permitir sua entrada".

Antes das perseguições dos "perna-pretas" (polícia), o toré era realizado no terreiro, ao ar livre, num espaço entre a porta da casa e um cruzeiro. Atualmente a reunião se faz no interior da casa. Num canto da sala há uma mesa coberta por um dossel, onde predomina a cor vermelha e há enfeites de papel de seda. Este conjunto,

mesa e sobrecéu, é chamado "piana". Sobre a mesa há uma tãbua onde estão riscados o signo de Salomão (aqui é uma estrela de sete pontas) e uma cruz; uma "campa de campos verdes", isto é, uma sineta, um cachimbo — "gaita" — para defumação, um maracá, três velas cada qual pertencendo a um guia: Cruz Roxa, Serra Grande e Zé Lacerda, uma vela de juremado que queima e não deixa cair pingo; há um copo d'água que é a vitrina, charutos, azeite de dendê, mel de abelha, duas estatuetas de barro de índios com flechas, jurema, latinhas contendo pó de jurema, fumo, incenso, benjoim e alecrim queimados no "gaita" (cachimbo) para a defumação. Pregado no dossel há santos em "registro" (gravura. de São Jerônimo, Santá Bárbara, Santo Onofre, São Cosme e Damião, Senhor do Bonfim, São Jorge, Santa Teresa, Santo Antônio de Lisboa (que é do imperador e depende da pedra), padre Cícero, um retrato de Allan Kardec e um quadro onde se vê a artista de cinema Maureen O'Hara, num filme no deserto, dizendo o informante que ela é de outra "aldeia", e um crucifixo.. Sob a piana há uma vela acesa, é a "vela que dá a firmeza para os trabalhos".

O TRABALHO

Para ter início o "Trabalho", nome que dão à reunião, o Presidente aproxima-se da mesa, sobre a vitrina (copo d'água), coloca sete pingos de vela "que é o traço que representa a cruz do Cristo. Outras vezes, coloca pingos na vitrina para formar a coroa de São Jorge. No toré há o pedido do auxílio de Jesus e dos Santos, ao passo que no candomblé não. No toré ouvem-se muitas frases correntias no culto católico romano, no candomblé não.

Trabalhando com sete aldeias: Laje Grande, Barro de touá (que é o massapê), Jurema, Pedra Branca, Uru-

bá ou Urubatã, Amazona e Iemanjá, o Presidente observa na vela que é para Ogun de Ronda e o semblante da vela é que dá o sinal do que vem para enramar se é contra ou a favor. Isto é preciso porque de vez em quando aparece um espírito branco, com o qual precisam ter cuidado. Atira um pouco d'água de uma quartinha sobre a piana, reza um Padre-Nosso, uma Ave-Maria, uma Salve-Rainha em intenção dos bons trabalhos, persigna-se e começa a cantar:

> "Em campos verdes (bis)
> Ó meu Jesus (bis)
> Em campos verdes (bis)
> Ó meu Jesus (bis)
> Madalena baixada
> aos pés da cruz,
> rezando este bendito
> implora a Jesus.

Enquanto cantam, dançam com o corpo curvado, ficando o tronco quase horizontal ao solo. Cantando fazem o sinal-da-cruz benzendo-se:

> "Abre-te mesa em campos verdes,
> Cruzêro, cruzêro divino,
> Com as forças de Santa Bárbara
> e os de sino meu pai Sinhô,
> Jesus Sinhô, Pai Criadô
> em tronco de Jurema
> Senhores Mestres confessô
> abrindo os tronco da Jurema".

Balançam os maracás na altura. No toré não há a presença de membranafônios como acontece no candom-

blé. Ali está presente o idiofônio herdado dos índios — maracá — (ambaracá das guaranis) que acompanha alguns dos cantos. Quando alguma "cabocla" está relutando em baixar, o maracá é tocado com mais intensidade e mais próximo do ouvido da pessoa que irá receber o "encantado". Ele mesmo balança o maracá, tirando som e dando ritmo. A parte agógica inicia do moderatto quase alegretto até alcançar o vivace; na dinâmica começa num pianíssimo crescendo até ao forte, e o canto continua com outra melodia:

> "Santo Antônio de Lisboa
> que morô no imperadô
> que no dia vinte e nove
> mucho coró me custô,
> abre campa na das campina azuis
> os caboco de Jurema
> vem guiado por Jesuis".

Canta com a sineta na mão. Entre um canto e outro, o acólito faz soar a sineta como se faz na hora da consagração da missa católica romana. O som das sinetas, sinos e campanas, desde a Idade Média, acreditam ter o poder de afastar o demônio. Por isso permanecem nos cerimoniais religiosos.

> "Malunguinho, ó Malunguinho
> caboco índio reá
> com as força de sinhá Luxa
> e o nosso Pai Celestiá,
> abre as portas qu'eu te mando
> sete pedra imperiá,
> com a força de Salomão
> nosso pai celestiá."

Malunguinho é o dono da chave, o que abre os caminhos, sua presença é necessária. Com este caboclo presente para abrir as portas da jurema, para abrir os caminhos e portas da direita (lado bom) e fechar o da esquerda, por onde podem penetrar os maus, se dá, no Toré o sincretismo com as forças católicas representadas em Santa Bárbara ao abrir a mesa e Malunguinho, uma espécie de ligação entre os espíritos e os que ali estão presentes, é a ponte sobrenatural, mágica. Será Malunguinho uma espécie de acólito ou de sacristão que auxilia no cerimonial? Ele é "caboclo índio reá", isto é, índio verdadeiro.

Ao terminar este canto, o contra-mestre do toré, que está com a palma da mão direita na água que foi aspergida da moringa sobre a mesa acaba caindo em trnse. O Presidente diz que seu auxiliar ficou "enramado" e o caboclo que baixou é Pedra Roxa. O "encantado" diz: "meu dengo meu coró". O Presidente propicia jurema ao caboclo que baixou bebendo-a com indizível prazer. A seguir pede o "meu gaito", isto é, o cachimbo — vai ter início a defumação.

A DEFUMAÇÃO MEDICINAL

No fornilho do cachimbo são colocados pedaços de folha de jurema, tabaco, alecrim, incenso. Aceso o cachimbo, é colocado ao contrário na boca do contramestre. Na boca coloca o fornilho, assopra, fazendo a fumaça sair pelo canudo (cânula) do "gaito". A defumação é feita primeiramente da cabeça, desta para os pés, depois o braço direito, a seguir o esquerdo, parando mais tempo na esquerda por onde podem entrar os maus. Vira depois o defumado e faz as defumações pela frente, da cabeça aos pés. Em algumas pessoas, o Presidente, depois da defumação pelo auxiliar, pega nas mãos e dá três puxões para baixo. A defumação é um processo de

cura e também para livrar de maus-olhados, função preventiva e curativa.

Ao defumar uma pessoa não lhe é permitido ter os pés calçados e deve também desmanchar os cabelos. Desceu um caboclo, e ao defumar o pesquisador disse: "Os bostocos". Imediatamente o Presidente esclareceu que era para ficar descalço, pisando no chão: — "O chão é sagrado, só se pisa nele com os pés descalços", disse mestre Artur. Tal ordem é idêntica à: "solve calceamentum de pedibus tuis lucus enim, in quo stas, terra Sancta est".

Cantou-se o "linho" de Pedra Rocha e o "caboclo" se retirou, ficando o aparelho que o recebeu com os braços para cima. Assim é preciso, disse o Presidente, para que ele siga o caminho dos ares para chegar na sua aldeia.

O "linho" cantado:

"Vamo apanhá
a cinza Roxa
interêco,
corta pau machadim,
tira o mé,
esta é a abelha uçu
esta não é."

Outros caboclos baixaram, enquanto o contra-mestre tocava o maracá, e o Presidente dava licença para cantar o "linho". Quando desce um, a primeira coisa que se faz é cair em decúbito ventral, apoiando-se nas duas mãos, bate a testa no solo, à esquerda e depois à direita bem próximo da luz que fica sob a piana. É o cumprimento, a saudação. Tal atitude nos faz lembrar a dos muçulmanos em oração.

Alguns caboclos pedem, quando baixam: "bota meu óleo de pau (mel), bota meu casco amarelo (azeite-de-

dendê) e três pingos de vela". Estende a mão e o Presidente ali coloca um pouco de mel, azeite-de-dendê e espermacete de vela, o enramado lambe gulosamente a palma da mão.

O caboclo Serra-Grande pediu licença para cantar seu "linho". Ao baixar pediu "me dá meu gaito", a seguir defumou os presentes. Molhou o "gaito" na jurema com couína para dar mais força. Baixou o caboclo Leonardo da Aldeia de Canindé, suas primeiras palavras foram: "Santa Barba Virxe, São Jorge, Meu padrim do Juazeiro, graças a Deus Jesuis, Maria, José nos dê força".

Algumas pessoas ficam completamente tomadas, ou melhor, enramadas, ficam semiconscientes, dizem que estão "sombreadas", outra quando o encantado a toma completamente, é preciso ser despertada por meio de um apito. "O sonido do apito vai chamar o espírito da que está enramada, porque ele está longe, noutra aldeia, e em seu lugar se encontra o espírito do caboclo antigo. No toré às vezes uma pessoa fica inconsciente por muito tempo durante a reunião. O Presidente a deixa de lado, pois "o espírito dele está trabalhando noutra aldeia, onde moraram seus antigos — seus avós — por isso mesmo o dirigente não atrapalha". No final do trabalho, caso ainda não tenha voltado, com o apito vai chamando seu espírito para que volte, até que se torne consciente. É a seguir defumado pelo caboclo que baixou num dos membros, ou melhor, no acólito.

Após as defumações, o Presidente cuidadosamente recolhe as cinzas que sobram no fornilho dos cachimbos (gaitos) para enterrar em lugar onde não deve ser pisada, ou melhor, como sempre faz, lançar às águas do rio que "levarão as cinzas para as águas do mar sagrado".

O encantado quando "enrama", aquele que o recebe fica de olhos abertos e imediatamente cumprimenta, transmite sua mensagem, respondem a perguntas.

Esperam a chegada, de Aruanda, do menino. Para recebê-lo precisam colocar o rosário não "apoiado" (a tiracolo) e sim à guisa de cinto. É um caboclinho que vai baixar para encerrar os trabalhos. É Malunguinho quem vem fechar a cerimônia. O Presidente balança o rosário e atira sobre a tábua onde está o signo-de-salomão e olha; depois pede o "cipó preto', isto é, o charuto. Joga água do copo em cruz, na frente da casa onde passam os bons e maus. Coloca nova água no copo. Retira os pontos, isto é, as velas e as coloca sob a piana. Cantam:

"Em campos verdes,
rezando este bendito,
fechando os troncos da jurema,
fecha-te mesa.
Fecha-te mesa
num campo verde,
senhora nossa ei,
em nosso reino,
cruzêro, cruzêro divino,
com a força de santa Barba
e os de sino
meu pai sinhô,
fechando os tronco da jurema."

Fazem uma pequena pausa, com outra melodia cantam:

"Malunguinho, Malunguinho
fecha as portas da direita
para os contrário não vim cá,
fecha as portas da esquerda
para os contrário num vim cá,
para os contrário num festejá,
com as força de Santa Barba
e nosso pai celestiá", etc.

Este é o último canto do toré, após o qual todos os praticantes se retiram:

"Oi vamo-nos embora
para nossa aldeia,
cetroá de juremêra.
Adeus princesa
todos os encantados
já vão embora.
Adeus princesa
fique com Deus
e Nossa Senhora.
Como vão subindo
como vão voando, cetroá,
como beija-fulô, cetroá."

Nesta sessão houve cura, defumação, consultas. Do toré de Piaçabuçu não presenciamos as reuniões reservadas do "banquete dos maracás", onde as comidas não levam sal e não se come aquilo que possa fermentar. É uma prática que nos faz lembrar as festas dos pães ázimos dos judeus. É uma reunião "particular de decumê (comidas) dos maracás, preceito que os velhos deixaram".

Também não presenciamos a sessão de fechar o corpo, aliás, numa das defumações que o Sr. Artur nos fez, convidou-nos para o fechamento do corpo. Como havíamos combinado com o Prefeito para participarmos juntos de tal cerimônia, fomos transferindo as datas até que viajamos e não "fechamos o corpo", embora já tivéssemos dado a garrafa de cachaça para o preparo da couína, com as folhas da jurema (Acácia jurema, Mart.) e outros "agrados".

No toré, reafirmamos, a direção é do "Presidente": recebe os "encantados", ele é quem toma realmente a direção dos "trabalhos", ao passo que no candomblé é

um filho ou filha de santo que "cai no santo", sem a predeterminação do pai ou mãe de santo. Não podemos afirmar se é o caráter, as determinações raciais do negro ou a do branco (mestiço ou descendente de índio), que influem na hospedagem dos orixás e "caboclos", quando baixam no terreiro ou na piana (mesa do toré). Aqueles se manifestam através de uma abundância de movimentos, de sons guturais, estes, os "caboclos" são mais calmos, joviais, atenciosos, são visitas bem comportadas cuja presença nos dá a impressão de que a sua finalidade única é receitar, dar conselho.

A duração de uma sessão de toré é muito menor do que a de um candomblé. Enquanto o toré funciona às quartas e sábados e não vai além da meia-noite, o candomblé tem início no sábado à tarde e muitas vezes é dia claro de domingo e ainda os orixás estão através dos filhos e filhas de santo, dançando nos terreiros. O domingo é também o dia dedicado ao descanso do corpo que "pinoteou", executou todos os possíveis e inconcebíveis movimentos que a coreografia clássica desconhece.

OS CABOCLOS

Os Caboclos são os nossos índios. Filhos desta ou daquela tribo; o fato é que aí estão eles sempre fortes, sempre trabalhadores pelo bem de todos os seus filhos.

Os Caboc'os de um modo geral, são das tribos tupis ou guaranis. Entretanto, vejamos as tribos mais importantes que, antigamente, imperavam no Brasil, e das quais descendem os nossos caboclos. Vamos dividi-las em grupos mais característicos:

TUPIS (litoral)
Tamoios Carijós, Tupinambás, Caetés, Goitacases, etc.

GUARANIS
Canoeiros (também chamados de Carijós)

GÊS

Carajás, Aimorés (eram os Aimorés os chamados "Tapuias" ou "língua travada".

ARUAK
Guaicurus, Araús, Arauá, etc.

De todos esses, os mais comuns nos nossos terreiros são os da Nação Tupi, nas suas várias tribos. Será, pois, interessante anotarmos alguns dos seus costumes mais comuns:

Os Tupis, na maioria das suas tribos, andavam inteiramente nus, excluindo os enfeites de penas, muito variados. Não tatuavam o corpo, mas pintavam-no muito. Entretanto, apreciavam as deformações corporais.

Vejamos os Tupinambás, uma das suas tribos mais características: os Tupinambás usavam o Tembetá, pedra de cristal-de-rocha introduzida nos lábios para provocar a deformação tão apreciada. Os indígenas das demais tribos não faziam uso de Tembetá, usando, entretanto, outras deformações corporais, como o achatamento do nariz e o engrossamento provocado da barriga das pernas etc.

Os Tupinambás usavam ornamentos de penas no nariz, enquanto os das demais tribos usavam perfurar as orelhas e enfeitá-las com penas. Ainda os Tupinambás costumavam usar chapéu, uma espécie de capacete, todo de penas vermelhas. Seus Chefes, Pajés, e os guerreiros importantes usavam um importante manto de penas que lhes caía até o joelho. Quando esse manto era uma só cor, era chamadoe d "Açavaba" ou "Inióba". Quando, porém, era de cores variadas era chamada de ' Boirangaćba".

Os Guaranis usavam também manto, porém, de pelo de animais. Como enfeites, usavam colares e braceletes de dentes, de ossos, de nozes, de algodão, de palha, de cabelo, de conchas. Denominavam o colar de dentes, usado como troféu de caça, de "Ajucará".

Os Tupinambás usavam um enfeite especial de caráter mágico que era pendurado por uma palha no pescoço. Constava o amuleto de uma "meia-lua" feita de conchas ou de ossos reunidos. As demais tribos tupis todas usavam o mesmo amuleto, porém, sendo "a meia-lua" feita de pedra ou metal.

Como armas usavam arcos emplumados com penas inteiras na base da flecha e presas por fios de algodão.

Destacavam-se o tacape, arma de guerra predileta, feita de madeira vermelha ou preta. Os escudos eram redondos, de couro de tapir, pintados e adornados de penas. Os machados eram feitos de pedra.

As comidas características das tribos tupis, eram:

Farinha fina — carimã
Farinha meio cozida — Uy-tinva
Farinha bem cozida — Uy-ata
Tapioca — Tipioca
Beiju — Mbeyú
Mingau
Peixe ou carne moqueada sobre brasas; peixe assado, envolvido em folhas de bananeira. Suas frutas eram: ananás, banana, caju, mangaba, genipapo, coco, mamão.

No que concerne ao fator religião, vamos esclarecer:

Os tupis, de um modo geral, não tinham "período de iniciação". Principalmente os Tupinambás, que acreditavam que os Pajés obtinham virtudes diretamente dos deuses. Por isso, toda pessoa que possuísse algum dote invulgar, tinha o título de "Pajé".

Os "Pajés" entre os tupis, como entre quase todas tribos e nações, era o feiticeiro e dirigia a cerimônia do culto religioso, as danças etc. Era também o "homem da medicina". Sua função principal era a de invocação dos espíritos. Não exercia qualquer atividade de ordem política, o que era função do Chefe da tribo, o Tachaua ou Morubixaba.

POR QUE O "NEGRO" É PRETO

Por quê o negro tem a sola dos pés e a palma das mãos inteiramente brancas? É uma pergunta para iniciar uma estória de quando Cristo andou na Paraíba. Mestre Alípio, vaqueiro conceituado, administrador do Engenho Itaipu, foi logo dizendo que sabia a respeito. Não se fez de rogado. E contou que era voz corrente, disso sabendo desde menino, que Jesus "ao aparecer por aqui" costumava passear por todos os recantos numa visita de inspeção.

Avistando-o a distância a mulher de um camponês ficou envergonhada de ser muito moça e já possuir 16 filhos e então meteu alguns deles escondidos num quarto. Esperou que chegasse a vez de ser interrogada, o que não tardou. Jesus aproximando-se perguntou-lhe se aqueles meninos que estavam no terreiro eram seus filhos, obtendo resposta afirmativa; indagou ainda se estava satisfeita com a instalação, passadio e condições de vida. A casa lhe parecia bem grande, até confortável. E de repente se mostrou com a curiosidade de saber o que havia no tal quarto onde as crianças se achavam ocultas. Respondeu a jovem mãe um tanto embaraçada:

— É um depósito de carvão.

Despedindo-se e abençoando a todos Jesus teve estas palavras sentenciosas:

— Sendo carvão "não mudará a cor."

Depois a mulher foi soltar o resto de sua ninhada e ficou surpreendida em ver que os filhos estavam pretos. Por causa de uma mentira, se tornara mãe de oito filhos negros. Seu desgosto não podia ser senão enorme. Que fazer, então? Revoltada consigo mesmo, não escondia a sua tristeza, até que um dos apóstolos de Jesus, o santo Pedro recomendara cheio de confiança:

— Leve os meninos ao Jordão e faça-os banhar nas suas águas que eles ficarão brancos.

Porém, quando a camponesa chegou com a metade de seus filhos às margens do rio sagrado, inexplicavelmente, este se achava quase seco, com um fiozinho de nada correndo, mal chegando para que as crianças pudessem molhar a sola dos pés e a palma das mãos. E como estivessem com sede, beberam gota apenas para enganar o desejo, resultado de tudo isso, ficarem brancos aquelas partes do corpo, inclusive a boca.

— A boca, Alípio? — interrogamos.

— Sim, senhor — respondeu ele. E acrescentou:

— A água foi pouquinha, dando apenas para clarear, puxando mais para o roxo.

É a explicação que se conhece com o fim de decifrar o mistério. Os escravos da Várzea costumavam contar essa estória nas suas reuniões domésticas das senzalas e também da Casa Grande, não deixando de fazer as suas "variações de largo fôlego", entrando detalhes interessantes, enxertos de improvisação, traços de vivo pitoresco, mas o essencial está no que ficou relatado em conformidade com a tradição. E sem tirar nem pôr.